

ANO XCI - Nº 38 - RIO DE JANEIRO - JAN 2016 / JUN 2016

# AKSIRIYA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS  
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33  
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para  
a República Federativa do Brasil



# Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

## Administração

**Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**

Soberano Grande Comendador

**Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º**

Lugar Tenente Comendador

**Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º**

Grande Ministro de Estado

**Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º**

Grande Secretário do S.:I.:

**Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º**

Grande Secretário do Interior do S.:I.:

**Maurício Soares, 33º**

Grande Tesoureiro do S.:I.:

**José Alves de Alencar, 33º**

Grande Chanceler Guarda do Selo

## SGCs de Honra

**Venâncio Igrejas, 33º †**

Brasil

**Geraldo de Souza, 33º †**

Brasil

**Ballo Geay Yacouba, 33º**

Costa do Marfim

**Jean Sicinsky, 33º**

Polônia

**Carlos Reyes Geenzier, 33º**

Panamá

**Henri L. Baranger, 33º**

França

**José Carlos D. Silva Nogueira, 33º**

Portugal

**Agostinho Fernandes Garcia, 33º**

Portugal

## Membros Efetivos

**Luiz Fernando Rodrigues Torres** (04/03/1975)

**Licínio Leal Barbosa** (14/08/1980)

**Adélman de Jesus França Pinheiro** (12/03/1988)

**Francisco Antônio Gonçalves Dias** (12/03/1988)

**Jorge Luiz de Andrade Lins** (24/09/1991)

**Atyla Quintaes Freitas Lima** (22/09/1998)

**José Linhares de Vasconcelos Filho** (21/09/1999)

**José Alves de Alencar** (10/03/2001)

**Carlos Roberto Roque** (21/06/2001)

**Carlos Antonio de Almeida Deveza** (12/08/2002)

**Francisco "Bonato" Pereira da Silva** (24/09/2002)

**Rubens Marques dos Santos** (15/11/2003)

**Wilson Filomeno** (11/09/2004)

**José Francisco Ribeiro Lopes** (30/9/2006)

**João Antonio Aidar Coelho** (26/07/2008)

**Maurício Soares, 33º** (18/09/2008)

**Rui Silvio Stragliotto, 33º** (20/06/2009)

**Irineu Ramazzotti, 33º** (04/09/2012)

**Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º** (13/11/2012)

**Manif Antônio Torres Julio, 33º** (23/09/2014)

**Antônio Luiz Corrêa, 33º** (23/09/2014)

**Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º** (23/09/2014)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



### Revista Astréa

Órgão Oficial do Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Fundada em 1º de janeiro de 1927, pelo Ir.: Mario Behring, 33º

Registro 009-R na Associação Brasileira da Imprensa Maçônica

#### Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**  
Soberano Grande Comendador

#### Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 18º**  
OJB 242

#### Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

#### Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodrê Lira Brandão, 33º**

#### Criação e Produção

**Infinity Editorial e Promocional**  
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho  
21051-120 - Rio de Janeiro RJ

#### Impressão

**Cop Gráfica e Editora Ltda.**  
Rua Baronesa do Engenho Novo, 189  
20961-210 - Rio de Janeiro, RJ  
grafica@copeditora.com.br

Tiragem desta Edição:  
19.000 exemplares

#### Correspondência

**Revista Astréa**  
Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá  
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ  
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br  
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

# O Supremo Conselho de hoje



**Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**  
*Soberano Grande Comendador*

## Meus Valorosos Irmãos

**N**osso **Supremo Conselho** exulta hoje pelos êxitos alcançados, em proveito do **Rito Escocês Antigo e Aceito** no progresso de nossa maravilhosa Ordem.

Lembro-me de meus primeiros anos na escala ascendencial. Tudo era acanhado, os prédios, os Templos, enfim tudo que era material. Predominava, entretanto o fator espiritual; o amor à Maçonaria, a busca da verdade.

Desde então a Maçonaria desenvolveu-se, também materialmente.

Temos, hoje, magníficos Templos, acoplados a edifícios majestosos, alguns denominados **Palácio Maçônico**.

Em nosso terreno, em Jacarepaguá, criamos um verdadeiro campus, composto por uma sede administrativa grandiosa, um Templo dedicado à glória do **Grande Arquiteto do Universo**, um conjunto de Templos para as **Lojas de Perfeição, Capítulo, Kadosch e Consistório**. Acoplado teremos sedes para as **Ordens DeMolay, Filhas de Jó e Estrela do Oriente**.

O conjunto está em via de conclusão. Esperamos inaugurá-lo no dia 12 de novembro próximo. É a data da **Instalação do Supremo Conselho**, em 1832.

Todo o terreno circunvizinho às edificações está coberto de lajotas e canteiros ajardinados.

Todos os que nos visitam elogiam, maravilhados. Inclusive os transeuntes param para observar o campus, através das grades que os cercam.

Tudo isto foi feito, sem descuido da parte espiritual e programática do **Rito Escocês Antigo e Aceito**. É o legado que esta Administração deixa às futuras gerações de Irmãos Maçons, sem descuido do proveito da atual.

Convidamos, pois, os Irmãos de todos os recantos de nosso Brasil e visitarem o campus do **Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**, e retornarem a seus lares com a mente e o coração exultantes, convictos de que são partícipes da coroação deste memorável projeto. ▲

**O Grande Arquiteto do Universo** nos guiará.



# Um notável 33<sup>o</sup> na Diplomacia Brasileira



*Ir.: Joaquim da Silva Pires, M.:I.:  
GOB – São Paulo-SP (\*)*

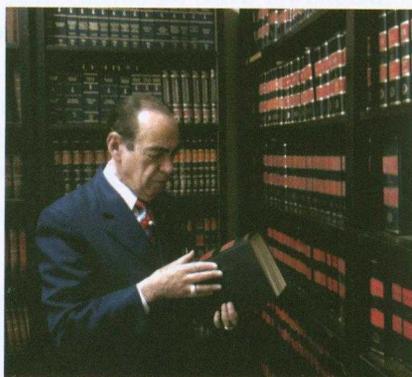
Rio de Janeiro. Era sábado, 10 de fevereiro de 1912. O dia já amanhecera. Na magnífica Sala dos Retratos do suntuoso Palácio do Itamaraty, o artístico relógio marcava 9 horas e 10 minutos. Naquele momento de profundo silêncio, a angustiante expectativa transformou-se, bruscamente, em inevitável consternação. Alhures, logo depois, os sons telegráficos, sem circunlóquios nem eufemismos, propagaram-se, com inclemência, pelas redações dos jornais do País inteiro, transmitindo-lhes a infausta notícia.

Articulistas coetâneos lavraram pungentes comentários sobre o doloroso desfecho, deixando aos estudiosos uma relevante fonte documental. Contristada, a multidão desbordava das calçadas, gradativamente, ao vislumbrar a aproximação do carro funerário, ainda puxado por cavalos, conforme seria fácil inferir, mesmo que não existissem as comprobatórias cenas, poucas, brevíssimas, porém de valor inestimável, filmadas por um previ-

dente cinegrafista ou por uma determinação oficial.

Sem esperar pela agonia dos estertores, o ilustre pranteado já escolhera um fundo musical para acompanhar o seu próprio cortejo: a *Marcha Fúnebre* de **Frédéric Chopin**, só interrompida pela salva de vinte e um tiros de canhão. Antes que a álgida lousa sepulcral deixasse recôndito o ataúde, juntamente com as flores que lhe eram superpostas, eloquentes oradores elevaram candentes panegíricos em um último e comovente adeus a um dos vultos mais reverberantes da História do Brasil e, no específico âmbito da Diplomacia, é a figura maior, só encontrando paralelo na habilidade de **Alexandre de Gusmão** (1695-1753). Não estou tentando introduzir incenso no turíbulo dos elogios inócuos, que o vento dissipa. Ao contrário, imagino estar acendendo mais uma vela no sagrado Altar da Pátria!

**José Maria da Silva Paranhos Júnior** nasceu em 20 de abril de 1845 no Rio de Janeiro, na antiga Travessa



(\*) O Irm. **Joaquim da Silva Pires**, M.:I.:, portador da maior láurea concedida pelo *Grande Oriente do Brasil*, a Augusta Comenda da Ordem de D. Pedro I, é Orador Emérito da *ARLS Estrella da Syria* e Membro Honorário da *ARLS Piratininga*, ambas de São Paulo-SP. Historiador maçônico e ritualista, escreveu seis livros e está preparando um sétimo.



do Senado, nº 8, posteriormente Rua Vinte de Abril. Vastíssima a sua biografia, da qual, obviamente, só apresentarei alguns traços. Intelectual de escol, historiador de primeira grandeza, foi, entretanto, no campo diplomático que a sua notável cultura, o seu acendrado patriotismo, a fulgência de seu talento e a constância de seu trabalho deram inestimável contribuição ao Brasil, cujas fronteiras ele alargou, mediante vitoriosos pleitos com países vizinhos.

Concluídos os estudos preparatórios, feitos no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, matriculou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no ano de 1862, mas só completou seus estudos jurídicos na Faculdade de Direito de Recife, em 1866.

Alguns historiadores maçônicos, uns seguindo os escritos de outros, dogmaticamente, alegam que a Iniciação Maçônica daquele então já renomado homem público teria ocorrido em 3 de fevereiro de 1872, na Loja *Estrella do Norte*, do Rio de Janeiro, e que só o seu prestígio poderia tê-lo feito Venerável Mestre naquele mesmo ano, em 18 de setembro. Tão cedo? Eu não discrepo, quanto à data em que ele atingiu o Venerato daquela Oficina. Todavia, no que se refere à sua Iniciação, ele mesmo viria a asseverar, ao proferir discurso em 1º de abril de 1903, quando recebeu o Grau 33, que era já Maçom desde os seus tempos de estudante em São Paulo, “há mais de 41 anos”, conforme suas próprias palavras, isto é, já havia sido Iniciado antes de 1862, consoante a expressão há mais (nesta oportunidade, consigno que transcrevi o discurso neste mesmo artigo, alterando-lhe a grafia, que usei atualizar).

Em 27 de maio de 1876, foi nomeado Cônsul do Brasil em Liverpool, Inglaterra. Voltou à Pátria em 1880, pois queria rever seu pai (ou seja, o **Visconde do Rio Branco**, eminente Maçom, então Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil*, ex-Ministro da Marinha, ex-Ministro de Estrangeiros, ex-

Presidente do Ministério Imperial e portador de inúmeros outros lauréis), que estava muito doente e que viria a falecer em 1º de novembro daquele ano.

Em 10 de maio de 1883 chegou à Rússia para representar o Brasil na Feira de São Petersburgo. Pelos muitos serviços prestados à Nação, recebeu, em 19 de maio de 1888, o título de **Barão do Rio Branco**, mediante Carta Imperial assinada pela Princesa **Dona Isabel**, então no exercício da Regência, pois o Imperador **D. Pedro II**, que determinara a outorga daquele título nobiliárquico, estava no exterior.

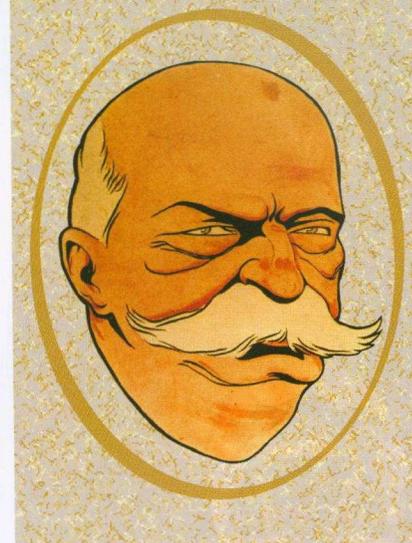
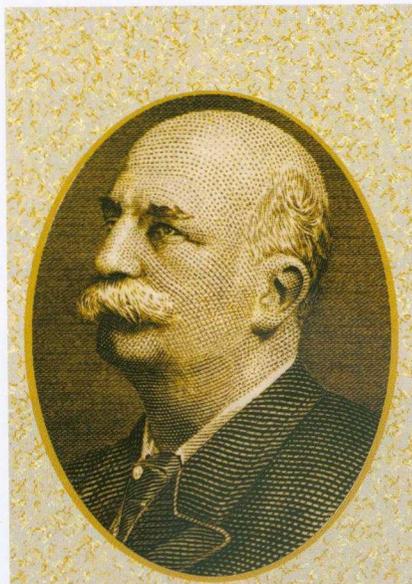
Já na época republicana, ele continuou a obter significativos êxitos internacionais, na *Questão do Amapá*, com a França, em 1º de novembro de 1890, e na *Questão de Pal-*

*mas*, com a Argentina, em 5 de fevereiro de 1895. Três anos depois, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, por votação unânime. Posteriormente, em 1901, graças ao seu crescente e merecido prestígio, tornou-se membro do Corpo Diplomático, trabalhando em Berlim, Alemanha.

Sua erudição, seu discernimento e sua dedicação às causas que lhe eram submetidas moveram o Presidente da República, **Francisco de Paula Rodrigues Alves**, em 2 de dezembro de 1903, a nomeá-lo Ministro das Relações Exteriores, cargo que exerceu até sua morte, pois seu nome foi mantido pelos sucessivos Presidentes **Afonso Augusto Moreira Pena** em 1906, **Nilo Procópio Peçanha** em 1909 (este era Vice-Presidente, mas assumiu a Presidência em razão do falecimento do citado Afonso Pena) e Marechal **Hermes Rodrigues da Fonseca** em 1910.

Em 1º de abril de 1903 (ao tempo em que o Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil* e Soberano Grande Comendador era **Quintino Bocayuva**, cognominado “*Patriarca da República*”), o Barão do **Rio Branco** recebeu o título de Membro Efetivo do *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito*, quando fez o seguinte pronunciamento:

“Agradeço a este Supremo Conselho a honra que me conferiu, dando-me lugar em seu seio, e ao Ilustre Orador de quem acabamos de ouvir as palavras tão cheias de benevolência com que exaltou os meus fracos méritos e os serviços que tenho podido prestar à terra do meu nascimento. Depois de tão longa ausência no estrangeiro, é com o maior contentamento que me vejo restitu-



**Indubitavelmente maior figura da diplomacia brasileira, a efigie do Barão foi reproduzida de 1913 a 1981 nas cédulas de dinheiro, mas seus traços marcantes inspiraram nossos grandes caricaturistas, como o inimitável J. Carlos.**





**Ao lado, o brasão do Barão do Rio Branco, recebido em 1888. Acima, sua nomeação assinada pelo Presidente Rodrigues Alves. A República não podia abdicar dos serviços do grande diplomata.**



ido à Maçonaria Brasileira, de que me honro de fazer parte, desde os meus tempos de estudante em São Paulo, há mais de 41 anos.

Encontro-a, felizmente, como era então e como foi sempre, uma associação de beneficência, aberta a todos os amigos da Humanidade, sem exclusão de nacionalidades ou de crenças políticas ou religiosas, mas nunca indiferente às grandes reformas sociais que representam um progresso para a Nação Brasileira e sempre respeitadora da lei e das instituições políticas deste País.

É por isso que, desde a Independência, teve constantemente à sua frente homens eminentes, todos decididos sustentadores da ordem, e que, depois da evolução política por que passou o Brasil, entregou o Primeiro Malhete Maçônico ao cidadão ilustre que preparou a nova ordem de coisas e mais genuinamente a representa.

Para os nobres fins que tem em vista, segundo as suas gloriosas tradições e as suas leis orgânicas, pode esta Associação contar com todo o esforço de que eu seja capaz e que me permitam os meus deveres oficiais.

Por herança paterna, sou e não posso deixar de ser um Maçom,

como este nome é conhecido entre nós.

Repito os meus cordiais agradecimentos pelas distinções que tenho recebido da Maçonaria Brasileira a que serei sempre fiel.”

Talvez, pelo fato de o Barão do Rio Branco ser Maçom, a Igreja Católica omite que foi ele quem conseguiu, diplomaticamente, junto ao



Papa Pio X, fosse o Brasil o primeiro país da América do Sul a possuir Cardinalato. D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, nascido em Pesqueira, Pernambuco, então Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro, recebeu, no Vaticano, a nomeação de Cardeal em 11 de dezembro de 1905 e a subseqüente saagração em 14 do referido mês.

Entre os inesgotáveis temas que estão jungidos às realizações do notável diplomata, pareceu-me oportuno destacar, ainda que em pouquíssimas linhas, sua brilhante atuação diante do problema, por ele solucionado, entre o nosso País e a Bolívia, em face das controvérsias mantidas sobre o Acre.

Antes de Cristóvão Colombo chegar à América, a região onde hoje está a Bolívia, nome derivado de Simon Bolívar, seu primeiro presidente, era habitada pelos aborígenes quíchuas e aimarás, que, por volta do ano 1400, foram dominados pelos incas, estes depois dominados pelos espanhóis em 1530. A independência foi conquistada em 1825, graças aos líderes Simon Bolívar, já citado, e Antonio José de Sucre.

Estava o Brasil em plena guerra com o Paraguai (1864/1870), quando começaram a surgir reivindicações da Bolívia, relativas ao local onde hoje está o Estado do Acre.

Temporariamente, os obstáculos foram afastados, com a assinatura do Tratado de Ayacucho, em 27 de março de 1867, mas ressurgiram a partir de 1877, época em que sertanejos nordestinos, principalmente cearenses, movidos pelos horrores de uma grande seca, passaram a ocupar o local, porque conseguiam, lá, trabalho nos seringais acreanos (igualmente, é escorreito o termo acriano; trata-se, portanto, de um

**Em Roma, o Barão do Rio Branco ofereceu um grande banquete àquele que seria o primeiro dos Cardeais brasileiros, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, aqui retratado com suas vestes e seu brasão.**



adjetivo sincrético). Segundo entendimento dominante, porém não unânime, o vocábulo Acre seria decorrente de "Uaquiri", pertencente ao dialeto ipuriná, falado pelos nativos. Há afirmações divergentes, defendendo o termo *Aquiru*, de origem tupi.

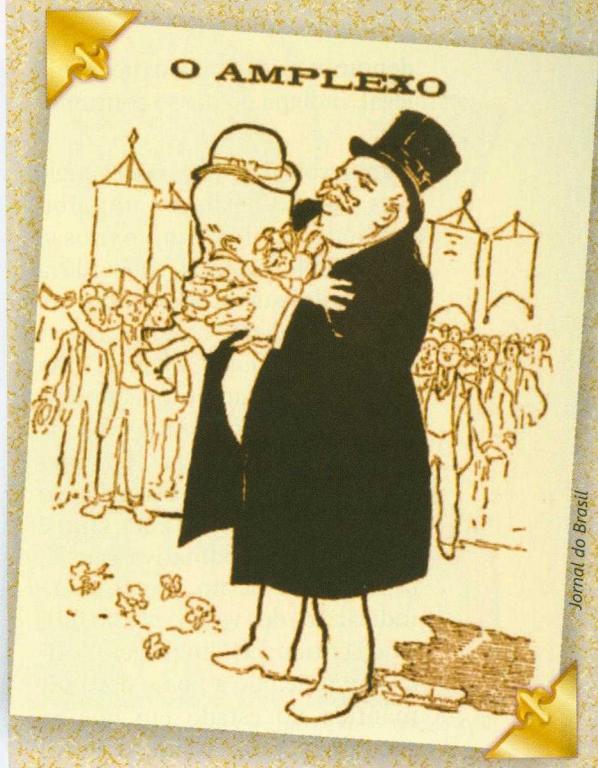
A verdade é que os brasileiros escreviam *Aquiri*, quando encomendavam mercadoria aos fornecedores belenenses. Qualquer que seja a origem etimológica, a palavra encerra ideia geográfica pertinente a um rio.

Anos depois, a situação agravou-se, porque a Bolívia, na guerra com o Chile (1879/1884), já sofrera enorme perda, ao ficar sem o seu valioso acesso ao Oceano Pacífico. Em 14 de julho de 1899, **Luiz Galvez Rodrigues de Arias**, aventureiro espanhol, funcionário do Consulado Boliviano de Belém, proclamou a República do Acre, de efêmera duração. Em 11 de julho de 1901, quando **Manoel Ferraz de Campos Salles**, Presidente da então República dos Estados Unidos do Brasil, já havia determinado que o Acre fosse devolvido à Bolívia, esta última assinou o Tratado de Aramayo,

arrendando a região acreana a um grupo anglo-americano, denominado *The Bolivian Syndicate of New York*.

Irresignados, os brasileiros, comandados por José Plácido de Castro, revoltaram-se, e essa revolta contra os bolivianos, derrotados em 24 de janeiro de 1903, culminou com uma segunda proclamação, que deu origem ao independente Estado do Acre, em 7 de agosto daquele ano. O referido líder foi aclamado Governador. Em seu primeiro decreto, ele determinou que o idioma, as leis e a moeda fossem os mesmos do Brasil.

Ao assumir a pasta das Relações Exteriores, em 3 de dezembro de 1902 (já vimos), o Barão do **Rio Branco** dedicou-se, arduamente, à resolução do problema. Ele, no dia 24 de janeiro do ano seguinte (mesma data da capitulação dos bolivianos diante do mencionado **José Plácido de Castro**, ou seja, antes da aludida proclamação do Estado do Acre), condenou, com firmeza, o arrendamento ao referido sindicato anglo-americano, expedindo uma Circular, que remeteu pela via telegráfica, dando ao arrendamento concedido pela Bolívia a



**O Barão do Rio Branco recebe Ruy Barbosa em seu retorno da Conferência de Haia, onde brilhara: – Venha de lá esse abraço, Sr. Ruy! Olhe que você saiu melhor do que a encomenda. Bravo! Bravíssimo!...**



Mapoteca do Itamaraty



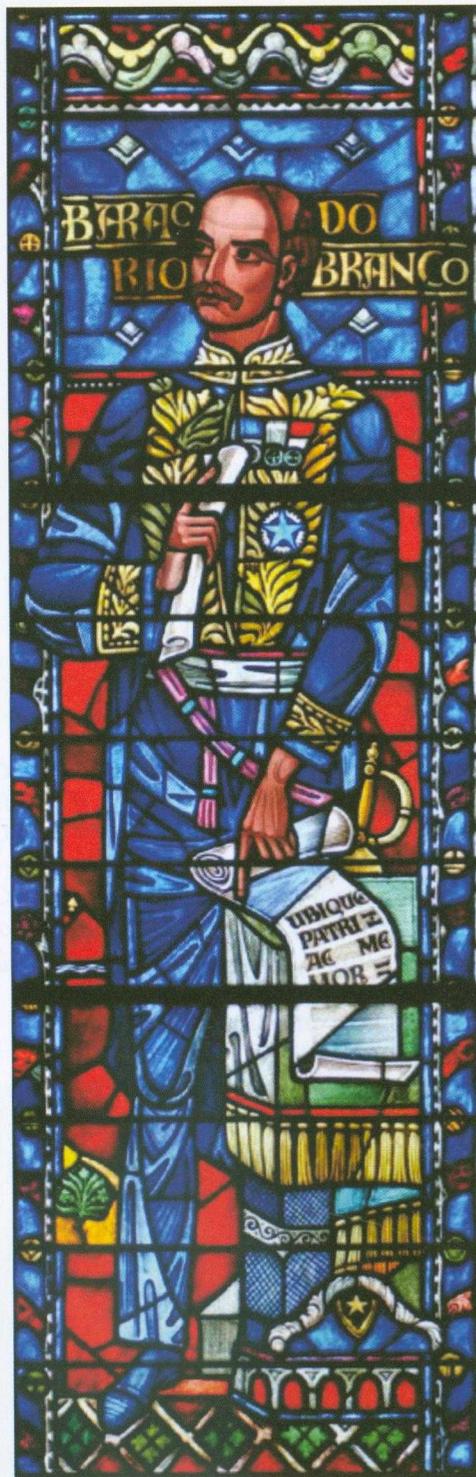
**Acima, a delegação brasileira nas negociações do Tratado de Petrópolis, que resolveu a delicada Questão do Acre. Ao lado, charge do Jornal do Brasil (22.02.1904) sobre as manifestações populares de júbilo por mais um sucesso da diplomacia brasileira liderada pelo Barão.**



denominação "monstruosidade legal, indigna do nosso continente."

Para resolver a questão, aquele país vizinho postulava um arbitramento. Todavia, o nosso maior diplomata não concordava (apesar dos sucessos que obtivera em arbitramentos outros), porque pressentia que, naquele caso específico, um aprofundado estudo relativo às fronteiras, poderia dar a vitória à Bolívia. Sua pretensão era a de que fosse aplicado o princípio do *Uti Possidetis* (*uti* é conjunção subordinativa causal; *possidetis* está no presente do indicativo do verbo *possidere*), cujo sentido, em linguagem jurídica, é o de que a posse deve ser mantida no estado em que se encontra. Ora, assim, o Brasil seria favorecido. Para a tentativa de uma solução, foi cancelado o pacto da Bolívia com o mencionado grupo anglo-americano, isto é, foi cancelado o *Tratado de Aramayo*, em 11 de junho de 1903, graças à intervenção dos banqueiros **Rothschilds**, de Londres. Assinale-se que o Acre continuava a ser um estado independente, pelos menos na versão dos brasileiros que o ocupavam.

No entanto, o problema persistia. Querendo resolvê-lo à força, o Presidente da Bolívia, General Pando, recorreu às armas, chegando a marchar 2.000 quilômetros. O **Barão do Rio Branco**, que não se atemorizava, contratou, fazendo com que tropas brasileiras fossem mandadas para a região: uma flotilha penetrou pelos rios acreanos; pela selva seguiram infantaria e canhões. Felizmente, o confronto não se realizou. A Bolívia concordou em assinar um *modus vivendi* em 21 de março de 1903. Logo depois, no mesmo ano, em 17 de novembro, foi assinado o *Tratado de Petrópolis*, pelo qual o Brasil entregou à Bolívia pequeno território, situado entre o Rio Abunã e o Rio Beni, que permutou pelo Acre. Pela diferença de valores, o nosso País pagou dois

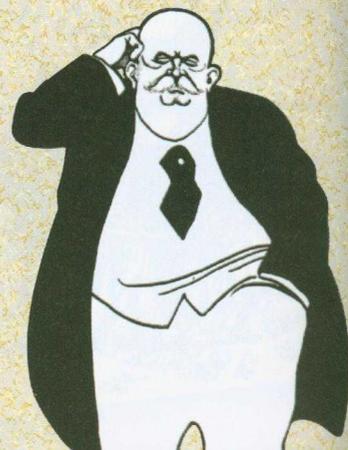


**O Barão do Rio Branco, ainda jovem, representa a diplomacia do Brasil, em vitral da Washington National Cathedral, na capital dos Estados Unidos. No documento está seu lema: Ubique Patria Memor, onde estiver, sempre pensando na Pátria.**

milhões de libras esterlinas e assumiu o compromisso de construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. O estado independente foi dissolvido e, conforme Lei Federal nº 1.181, de 25 de fevereiro de 1904, transformado em Território, tudo isso graças ao Barão do **Rio Branco**, que ainda não estava satisfeito, porque faltava resolver a séria divergência com o governo peruano, também em torno da região acreana, mas na linha do Alto Juruá.

O importante episódio histórico não é englobado por este artigo; vai muito além. Pretendo voltar ao assunto oportunamente. Por ora, encerro minhas observações, anotando que o grande brasileiro conseguiu invocar o já referido princípio do *Uti Possidetis* e assinou com o Peru o Tratado de 8 de novembro de 1909, obtendo para o Brasil uma área de 14.294 km<sup>2</sup> (refiro-me à região acreana inteira).

No cinquentenário da morte do grande brasileiro, a Lei Federal nº 4.070, de 15 de junho de 1962, transformou o território em estado do Acre, cuja efetiva instalação ocorreu em 1º de março do ano seguinte. O nome de sua capital continuou a ser Rio Branco, um louvável reconhecimento àquele idealista que, dignificando a Nação, dignificou a si mesmo, legando-nos exemplos de sabedoria, idealismo e trabalho em prol do Brasil! ▲



# O TEMPLO, SALOMÃO E HIRAM



Salomão e o modelo do Templo – ícone russo, mosteiro de Kizhi - (século XVIII)

Ir.: José Maurício Guimarães, 33º

M.:I.:, KT e diversas ordens americanas e inglesas, escritor, editor do blog <http://josemauricioguimaraes.com.br/ekislibris>

O tema do Templo de Salomão na Maçonaria é uma pedra de toque tão formidável que **James Anderson** e **Albert Mackey** não hesitaram em incluí-lo como inamovível parâmetro do ofício maçônico.

**Anderson**, tomado de entusiasmo religioso, teria ido além da realidade histórica ao afirmar que a Arte Real "foi oriunda da Grécia, cujos habitantes não deixaram nenhuma evidência de melhorias em alvenaria, antes do Templo de Salomão" [...] e "as melhores estruturas de Tiro e Sidon não podem ser comparadas com o eterno Templo em Jerusalém construído no curto espaço de sete anos e seis meses, por inspiração divina e sem o ruído de ferramentas, embora tenham sido empregados 3.600 mestres, 80.000 cortadores de pedra e outros 70.000 trabalhadores de todo tipo, obra administrada pelo mais sábio homem e mais glorioso rei de Israel, o príncipe da paz e da arquitetura, **Salomão**, filho de **Davi**" (*The Constitutions of the Free-Masons*).

**Mackey** alertou que qualquer rito que excluísse ou alterasse as lendas do Templo, deixaria de ser um rito maçônico. Da codificação *land-*

*markiana* resulta a obrigação de a Ordem fundar uma ciência especulativa segundo os relatos bíblicos ou lendários daquele Templo ancestral.

A história do construtor do Templo é uma realidade ou lenda? Em suas remotas origens o bíblico Templo de Jerusalém era apenas um local de culto a Yhwh? Verdade, fantasia ou símbolo? Religião ou filosofia iniciática?

No aperfeiçoamento individual – e é este o objetivo da Maçonaria – deve haver o equilíbrio que diferencie o pensamento do homem adulto de uma criança. E, já que estamos em terreno bíblico, são oportunas as epístolas de **Paulo**:

"... porque qualquer pessoa que ainda se alimenta de leite não é conhecedor da palavra de justiça, porque é menino. Mas o alimento sólido é reservado para os perfeitos, os que têm sentidos exercitados para discernirem tanto o bem como o mal." (*Hebreus, 5:13, 14*);

"...quando eu era menino, falava, sentia e discorria como menino; mas logo que me tornei homem, rejeitei o que era próprio de criança". (*1 Coríntios, 13:11*).

Portanto, a inclusão de lendas na história do Templo de Salomão, se

observados tais entraves, revela duas propostas de evolução da consciência que se completam mas não são idênticas:

*Primeira*: O Templo de Salomão bíblico e o personagem **Hiram** que constam dos livros de *Samuel*, *Reis* e *Crônicas*;

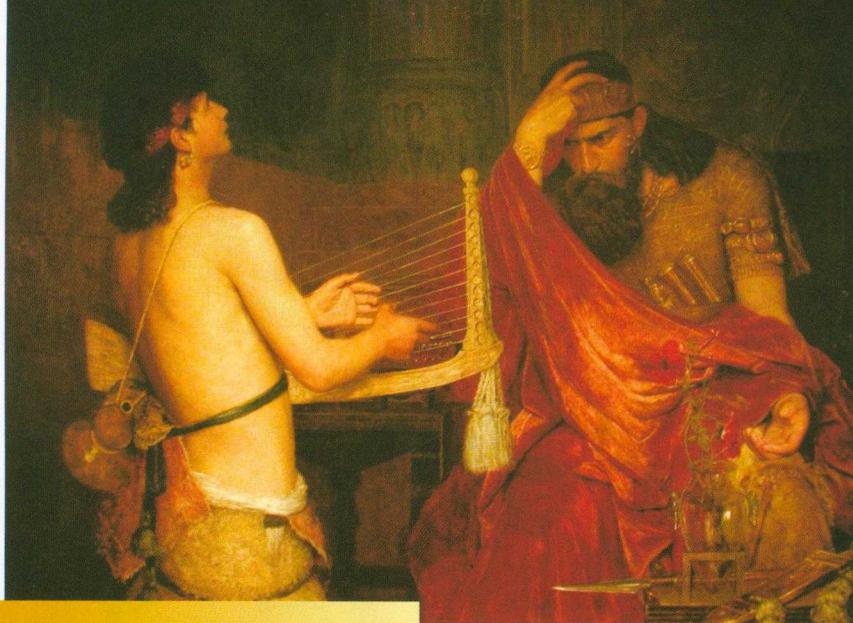
*Segunda*: O Templo de Salomão maçônico e o personagem **Hiram** com o nome **Abiff**.

A Maçonaria moderna teve início em 1717 com a fundação da *Grande Loja de Londres* e as *Constituições de Anderson* que datam de 1723. O Templo e as lendas sobre **Hiram**, com o nome **Abiff**, ganharam essencial destaque no processo iniciático nessa mesma época ou um pouco antes.

Contudo a íntegra dessas narrativas permaneceu incompleta nos Graus Simbólicos e só ganharam desfecho nos Graus além do III mediante adaptações, notadamente nos Graus IV ao XV do Rito Escocês.

Lacunas entre a concepção bíblica e a maçônica, os personagens **Hiram Abiff** ou **Adhohiram** e a ideia de um "Salomão maçom", induziram muitos à crença de que o Oriente das Lojas abrigasse um trono daquele que foi rei do povo de Israel – um





David e Saul, tela do pintor sueco Ernst Josephson (1851-1906)

### A lira do pastor Davi acalma o espírito atribulado do Rei Saul

nítido contrassenso, pois o "trono de Salomão" ficava no Palácio, no átrio exterior e além do Palácio das Guardas. Quem oficiava no Templo era o Sumo Sacerdote, o que descarta quaisquer entendimentos de que as Lojas Maçônicas sejam "o Templo de Salomão".

### O Salomão bíblico, o Templo e Hiram

O primeiro rei dos judeus foi Saul (1.050 a 1.010 a.C.) que não passou nos testes que Yhwh lhe impusera. Sofreu momentos de loucura (1 Samuel, 22:5-23:14), começou a perder a memória e deixou seu povo em constante estado da guerra. Esteve prestes a matar um sacerdote e atentou contra os demais e suas famílias. Sua cura veio através de um pastorzinho chamado Davi que, tocando a harpa e cantando, conseguiu acalmar o espírito atribulado do rei.

A partir de então, Davi abandonou o pastoreio e a música para tocar em frente outro projeto bem mais interessante: tornar-se rei. E acabou convencendo Samuel a ungi-lo no trono de Israel (1.010 a.C.): "Samuel ungiu-o no meio de seus irmãos e daquele dia em diante o Espírito de Yhwh se apoderou de Davi".

(1 Samuel 16:13)

Mesmo tendo o Espírito de Yhwh se apoderado do rei, diz a Bíblia (2 Samuel, 11:2,3) que Davi pecou ao ser tomado de desejo por Betsebah, esposa de Urias, o soldado hitita. Davi consumou a luxúria engravidando Betsebah e, para dissimular a culpa, mandou o marido traído para o local mais perigoso no front de guerra onde ele foi morto. Feito isso, Davi desposou Betsebah. Mas o filho que tiveram, morreu ao nascer. Vendo aquilo, o profeta Nathan interpretou o natimorto como castigo de Yhwh e disse a Davi: "Por que desprezaste a lei, feriste Urias a espada, tomando-lhe a mulher? Por isso, a espada nunca se afastará de tua família". Davi aterrorizou-se: jejuou e passou a noite deitado no chão. Mas percebendo que seus conselheiros cochichavam entre si, pediu que lhe preparassem uma refeição. Lavou-se e purificou o corpo com óleos preciosos; mudou de roupas e comeu. E entrou no tabernáculo onde adorou. À noite consolou Betsebah: deitou-se de novo com ela "e Betsebah deu à luz um filho de nome Salomão".

(2 Samuel, 12:16 a 24)

Todavia, por ter derramado sangue e fornicado, Davi foi proibido de construir o Templo. Transferiu para o filho Salomão a obrigação de cumprir a promessa e preparou-se para envelhecer em paz com a consciência. Recolheu-se à tenda real e as estações passaram sobre sua cabeça.

Mas o frio da idade o importunava. Cobriam-no com muitas roupas e peles, porém ele não se aquecia.

(1 Reis, 1:1-4).

Então buscaram para Davi uma moça virgem e formosa, de nome Abisague, para estar perante o rei, cuidar dele e dormir junto ao seu corpo para o aquecer. Cronistas mais recatados (1 Reis, 1:4) fizeram a ressalva: "... a moça era sobremaneira formosa, porém o rei não a conheceu" ("conhecer", no contexto bíblico, significa manter relações sexuais).

Apesar de todos os cuidados da prestimosa Abisague, Davi morreu (970 a.C.). Salomão subiu no trono e o reino prosperou.

Veio então Adonias, meio-irmão de Salomão, pedir para ele a linda Abisague. Betsebah, mãe de Salomão, foi levar o recado:

"Teu meio-irmão Adonias quer Abisague por mulher". (1 Reis, 2:21)

Salomão indignou-se e jurou por Yhwh que Adonias falara contra a própria vida:

"Hoje Adonias morrerá!" – e enviou-lhe a morte pelas mãos de Benaia que o matou.(1)

Depois disso, Yhwh apareceu a Salomão e disse:

"Peça-me o que quiser, e eu darei a você".

Salomão respondeu:

"Dai-me um coração cheio de discernimento para governar o povo e capaz de distinguir entre o bem e o mal."

E Yhwh respondeu:

"Já que você pediu isso e não riquezas, nem a morte dos seus inimigos, mas discernimento para ministrar justiça, darei a você um coração sábio e muito mais: prolongarei sua vida com riquezas e fama, e não haverá rei igual durante toda a vida." (1 Reis, 3)

Assim, Salomão ficou conhecido por sua sabedoria e seu reinado foi pacífico. Administrou com justiça e em 880 a.C. começou a construir o Templo prometido a Yhwh.

Distante dali, o rei de Tiro ouviu dizer que Salomão reinava em lugar



de Davi por quem sempre tivera amizade. Então enviou seus servos para ajudarem com a variedade dos materiais empregados na construção do Templo. Entre eles, o maior dos artesãos, **Hiram** – fenício da tribo judaica de Neftali. (2)

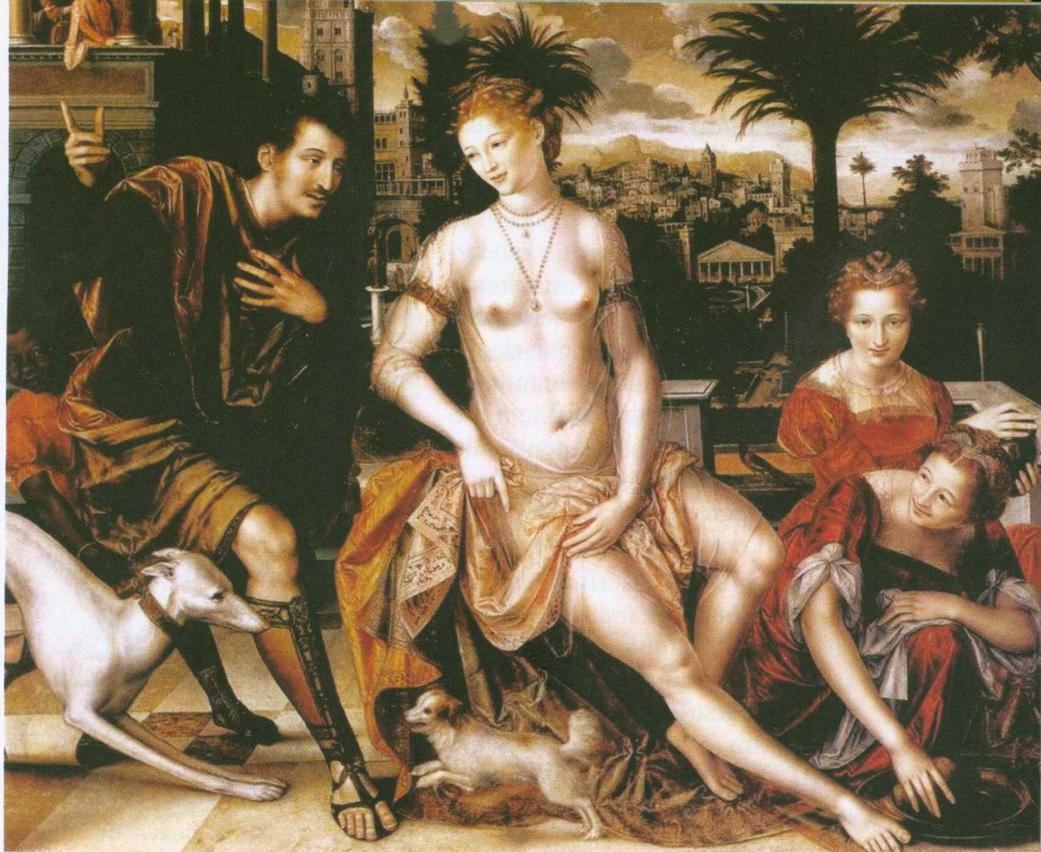
## Lendas precursoras do Templo de Salomão

A lenda que conhecemos sobre o Templo de Salomão e seu construtor **Hiram** – com o nome **Abiff** – não está na Bíblia. Foi acrescentada mais tarde aos cânones iniciáticos. O nome **Abiff** foi acrescentado pelos cabalistas do Século XVIII (letras *aleph, beth, iod, vav*). Até então, eram mais importantes as versões iniciáticas sobre a arca do dilúvio, **Noé** e a Torre de Babel.

Os noaquitas, estudados nos rituais além do Grau III, referem-se aos descendentes de **Noé** (*Noah*, em inglês) – seus filhos **Sem**, **Cam** e **Jafé** – e às tradições que objetivavam a proteção do povo em caso de um novo dilúvio (Gênesis, 6 e 7). Já a Torre de Babel, nos Graus além do III, é uma referência à maçonaria dos construtores do rei **Nimrod** e seu arquiteto-chefe **Phalegh** (*Gênesis*, 11), assim como ao cuidado de se preservarem as tradições em caso da perda da língua semítica.

Foi a partir da terceira década do Século XVIII que **Noé** e **Phalegh** foram substituídos pela figura de **Hiram**, cujo nome significa "pessoa exaltada ou de alta estirpe", (de *hayim* = vida + *ram* = alto) acrescido do epíteto **Abiff** (*abba, aviv* ou *abiv* = pai). O nome composto indica, portanto, alguém de alta linhagem e um ancestral de descendência ilustre: "*Hiram pai*", ou simplesmente "*alta estirpe*".

O personagem **Hiram** – bíblico primeiro, e **Abiff** maçônico depois – era um fenício da tribo judaica do bastardo Neftali(3), indício de que era oriundo de um



Betsebah com o mensageiro de David, enquanto o rei observa de longe, do pintor flamengo Jan Massys (ca.1509-1575)

**Acima, Davi, de longe, observa seu enviado entregando sua mensagem à Betsebah, esposa de Urias, o soldado que enviaria para a morte para desposá-la, pecado que o impediria de construir o Templo do Altíssimo. Abaixo, Tubalcaim, "mestre de toda a obra de cobre e ferro".**

reberto adúltero de **Jacó** e provável pretendente ao trono de Israel através da linhagem do ferreiro **Tubalcaim**, "*mestre de toda a obra de cobre e ferro*".

(Gênesis, 4:22)

Em 1751 houve um cisma na maçonaria inglesa e outra Grande Loja rival foi fundada. Em 1813 os dois

grupos acertaram suas diferenças e formaram a *Grande Loja Unida da Inglaterra*. Achando que alguns estragos tinham sido feitos, os ingleses separaram a "*maçonaria original*" dos graus clandestinos provenientes de outros territórios, especialmente da França. Durante esse expurgo, descobriu-se que a lenda de **Hiram Abiff** fora inspirada em rituais egípcios pelo ocultista polonês **Jacob Haim-Samuel**, cognominado **Falk Schek** (1710-1782).

**Falk Schek** fora rabino antes de se envolver com magia e convencer os maçons a substituírem **Noé** e **Phalegh** pela figura



do construtor fenício. Alguns atribuíam a **Falk Schek** o título de "rei dos judeus" – uma espécie de "príncipe do exílio" naquela época. A Maçonaria e o Martinismo modernos devem a **Falk Schek** numerosos detalhes de seus rituais, sem saberem os "bem-pensantes" que ele, na realidade, era um necromante (4). Ensinava que **Hiram Abiff** fora iniciado nos mistérios da fênix, ave mitológica que representa a superação da morte pela ressurreição do corpo e da alma.

Posteriormente, escritores como **Saint-Albin** (Alexandre Rousselin de Corbeau), **Éliphas Lévi** (Alphonse Louis Constant), **Gérard de Nerval** e **Lorenzo Frau Abrines** incrementaram a história de **Hiram Abiff** com episódios paralelos, inclusive um suposto romance dele

com a rainha de **Sabá**, neste caso chamado pelo nome de **Adhoni-ram** (**Adhon** = senhor + **Hiram**).

### **Balkis, a rainha de Sabá**

Diz a tradição que **Salomão** teve setecentas esposas e trezentas concubinas – mulheres de Jerusalém ou oriundas de países estrangeiros. Uma delas era filha do Faraó e, ao tomá-la por mulher, **Salomão** violou a proibição de **YHVH** de os hebreus se casarem com pagãos. **Salomão** trouxe a egípcia para a cidade de **Davi**, até que acabasse de construir o Templo.

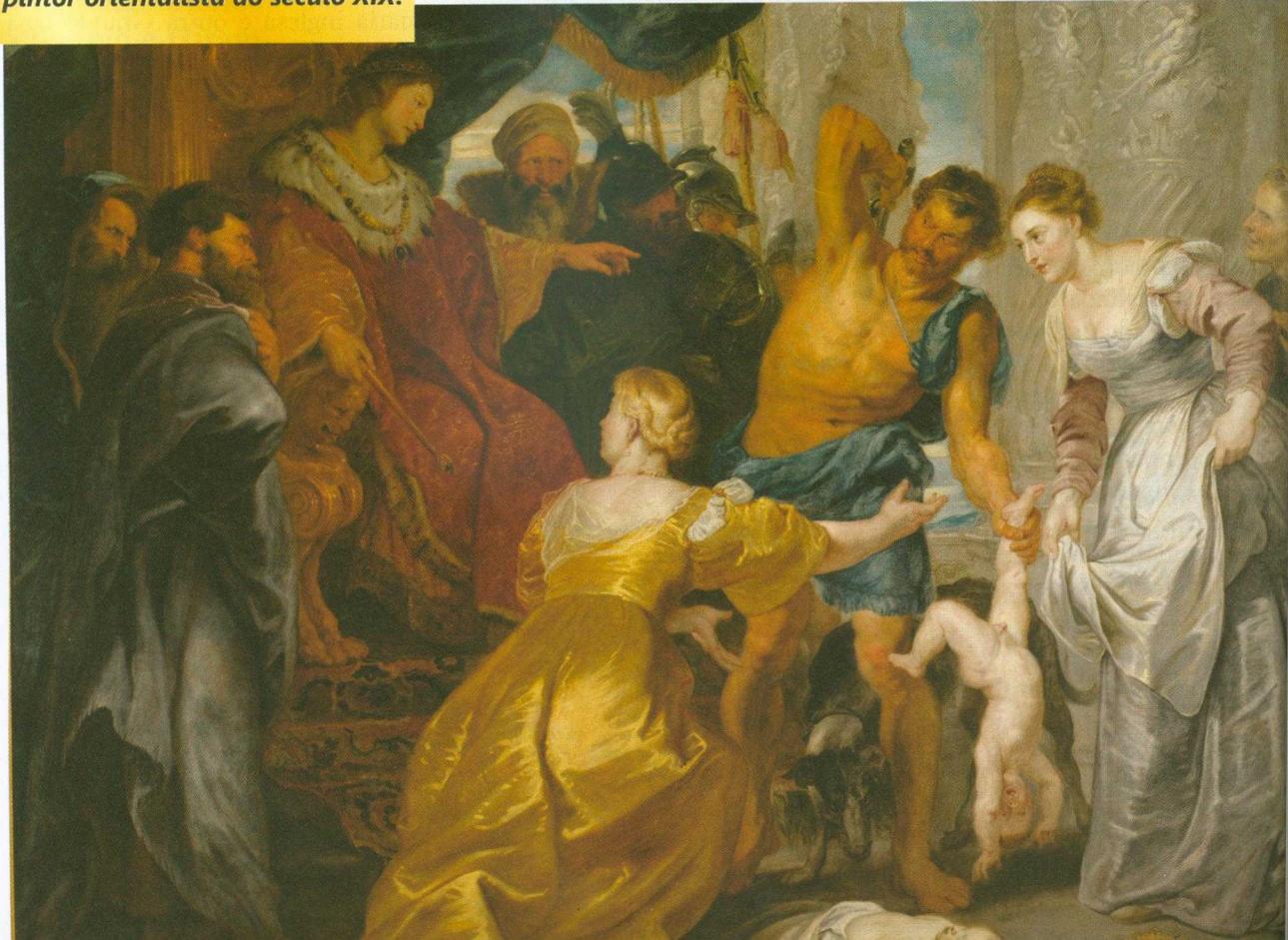
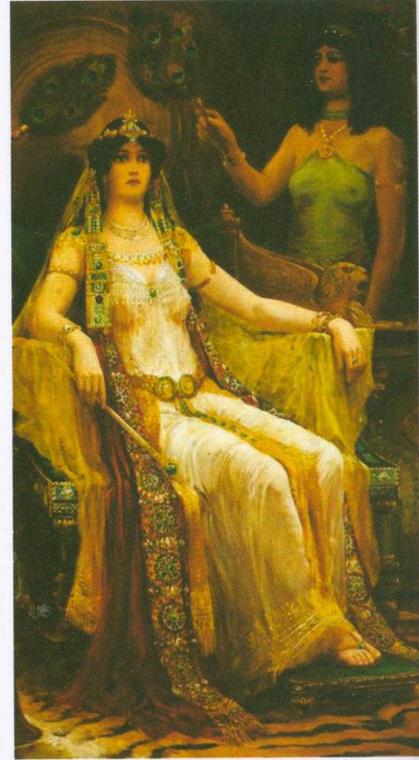
Enquanto isso, no longínquo país de Sabá, uma rainha excitou-se de curiosidade pela fama de **Salomão**. A Bíblia não cita o nome dessa rainha, mas a tradição chamou-a de **Balkis**. O Sabá ficava ao sul da península Arábica e a leste da África, nas terras do atual Iêmen.

**Balkis** atravessou o deserto com grande comitiva, camelos carregados de especiarias, ouro e pedras preciosas. (1 Reis 10:1-29)

Consta que **Balkis** viera "provar

***Salomão** com questões difíceis e que o rei lhe disse tudo quanto tinha no seu coração, respondendo-lhe sobre todas as coisas e nada houve que não lhe pudesse esclarecer".*

**Abaixo, Peter Paul Rubens retrata o célebre julgamento de Salomão para decidir, no litígio entre duas mulheres, qual a verdadeira mãe, antes dos tempos do DNA... Ao lado, Balkis, Rainha de Sabá, na visão de Edward Slocombe, pintor orientalista do século XIX.**





abusos, faltar ao cumprimento com a lei de Moisés, cometer adultérios e revelar os segredos do Templo, YHWH se indignou contra ele e a paz de Israel começou a ser ameaçada pelos seus inimigos.

(1 Reis, 11: 9-43)

O tempo que Salomão reinou foi de quarenta anos. Ele adormeceu e foi sepultado na cidade de Davi; e seu filho Roboão reinou em seu lugar. ▲

## Notas

(1) Narrativas orientais, como essas da Bíblia, ou as populares "Mil e Uma Noites", trazem fatos tangenciais aos preceitos religiosos que, por sua natureza, são capazes de arrepiar os mais tolerantes dos cristãos. Em "As Mil e Uma Noites" a princesa Sheherazade, condenada à morte pelo Rei Shariar, conseguiu enfeitiçá-lo com uma história sem fim. Não querendo perder o desfecho das narrativas, o Rei procrastinava sempre a execução da pena.

(2) Neftali foi o segundo filho de Jacó com Bila, uma das servas de sua esposa. Os outros filhos dessa união foram Asher, Gad e Dan. Os estudiosos encontrarão textos onde Hiram Abiff aparece como filho de uma viúva da tribo de Dan.

(3) Descendente, portanto, de Lamech, Metuchael, Mevuajel, Irad e Enoque até Caim. A interpretação desses conteúdos fica para a perspicácia dos estudiosos leitores.

(4) Pessoa que pratica necromancia, suposta arte de controlar os acontecimentos futuros mediante contato com cadáveres, prática condenada pelo texto bíblico (Levítico, capítulos 5 e 11).

(5) Astaroth refere-se às divindades fenícias ou demônio que seduz por meio da beleza e da vaidade, inspirando os matemáticos, artesãos e outros artistas liberais.

de Israel como judeus, sendo-lhes permitido estabelecerem-se em Israel.

## Epílogo

O fim da vida de Salomão foi triste: para agradar as mulheres estrangeiras, permitiu que elas profanassem o santuário oferecendo incenso e sacrifícios a seus ídolos Amom, Edom, Moabe, Sidom, Milcom e Astaroth.<sup>(5)</sup> A Bíblia é bastante lacônica neste particular; diz apenas que o coração do rei desviou-se de YHWH e que, de tanto entregar-se a

Vendo Balkis toda a sabedoria de Salomão, o Templo que edificara, a comida da sua mesa, seus servos, criados, as vestes e os holocaustos, ficou fora de si. E deu ao rei cento e vinte talentos de ouro, especiarias, pedras preciosas, madeira de Ofir, harpas e alaúdes. Em troca, Salomão deu a Balkis tudo que ela desejava e pedia. Satisfeita, a Rainha retornou para o país de Sabá.

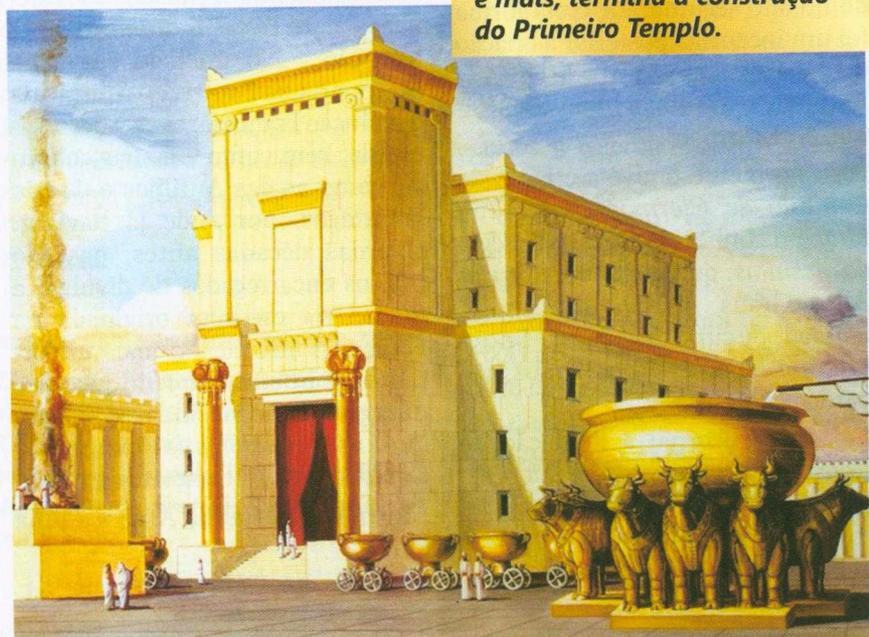
Maçons do Século XIX apressaram em tirar conclusões sobre a excitação de Balkis – a que viera, e quais teriam sido as difíceis provas às quais Salomão satisfizera com tudo quanto tinha no coração. A imaginação desses exegetas construiu outras lendas nas quais Salomão dava a Balkis tudo o que ela desejava, inclusive satisfazendo-a para que mantivesse colóquios reservados com Adhohiram. De toda a visita diplomática, aqueles maçons imaginaram Balkis plenamente satisfeita e retornando grávida para o país de Sabá.

## A tribo perdida

Existe um relato de importância considerável para o povo etíope de como tudo aconteceu, já que a linhagem dos seus imperadores remontaria à união de Balkis com um homem de alta estirpe judaica.

O grupo, que se autodenomina Beta Israel ou falasha, mantém sua identidade seguindo os preceitos da Torá há quase 3 mil anos – são os judeus negros da Etiópia: falam hebraico e guardam o Shabat. Estudos atuais apontam o Beta Israel como parte de uma das dez tribos perdidas e seus ancestrais remontariam ao rei Salomão e à rainha de Sabá. A origem dessa interpretação vem do nono século de nossa era, quando o mercador judeu Eldad ha-Dani declarou ser originário de um povo judeu independente no leste da África e remanescente da tribo perdida de Neftali. O Falk Schek Jacob Haim-Samuel também teria defendido semelhante hipótese quanto às tribos de Asher, Gad e Dan além de Neftali. Em 1975 o grupo falasha foi reconhecido pelo Rabino Chefe

**Finalmente, depois de sete anos e mais, termina a construção do Primeiro Templo.**





## História e Estória do Primeiro Supremo Conselho do REAA

Ir.: Hercule Spoladore, M.:I.:  
Loja de Pesquisas Maçônicas "Brasil" – Londrina, PR

As prováveis origens dos Graus Superiores na França estariam embutidas em vários fatos e entre eles, o primeiro, cita-se o famoso Discurso escrito em 1737, por **André Michel Ramsay**, escocês de nascimento, iniciado na Inglaterra, documento este, jamais apresentado em Lojas, por ter sido proibido pelo Cardeal **de Fleury** (André Hercule de Fleury) que era ministro de **Luiz XV**, documento onde **Ramsay** atribuiria uma origem nobre à Ordem, tentando encobrir as raízes da Maçonaria nos pedreiros livres e dando à mesma um sentido cavaleiresco. O texto, que foi publicado no ano seguinte, de certa forma foi um incentivo posterior à criação de graus acima do grau 3. Entretanto, muitos autores contestam esta afirmação.

Posteriormente houve a criação do *Capítulo de Clermont*, em 1754 também conhecido como o *Colégio dos Jesuítas*, que pretendia praticar Altos Graus, criando sete graus, entidade de curta existência. Entretanto, a febre de Altos Graus não parou por aí.

Em 1758, ocorreu a fundação do *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente, Grande e Sobe-*

*rana Loja Escocesa de São João de Jerusalém*, ao qual se juntaram os remanescentes do *Capítulo de Clermont*, estabelecendo-se um sistema de Altos Graus, chegando ao número de 25, chamados inicialmente de Graus de Perfeição, que depois se constituíram em um *Rito de Perfeição* ou *Rito de Héredon*, por sinal, um rito escocês.

Em 20 de setembro de 1762, começou a vigorar uma carta chamada *Constituição de Bordeaux*, à qual depois fizeram adendos chamados Institutos, Estatutos, Regulamentos e instruções suplementares.

Estes graus foram trazidos às Américas e aqui tiveram uma excelente recepção. No final do século, a Maçonaria na França, em função da Revolução Francesa, estava desorganizada, bem como em suas colônias, como as das Antilhas e de São Domingos, por onde já haviam, algumas décadas antes, passado Irmãos encarregados de divulgar a maçonaria escocesa originada na França. Entre eles, o mais importante foi **Etienne Morin**, que teria uma patente fornecida pelo *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente*, em 27 de agosto de 1761.

**Morin** encontrou na América uma

Maçonaria já mais ou menos estruturada. Ele teria outorgado o título de *Grande Inspetor Geral Adjunto* a 16 Irmãos e, entre eles, ao Irmão **Hyman Long**, o qual teria substabelecido o mesmo título a outros Irmãos.

Entre os Maçons que residiam em São Domingos, mais para o final do século, estavam o Conde **Alexandre François de Grasse Tilly**, filho do herói que lutou pela independência americana, e seu sogro **Jean Baptiste Marie Delahogue**, plantador, e pessoa de grande influência na colônia. Lá pelos idos de 1793, ambos mudaram-se para os Estados Unidos, como refugiados de uma revolta de escravos, e foram residir na Carolina do Sul, em Charleston. Ali, posteriormente, fundaram uma Loja, "*La Candeur*" n.º 12 (A Candura), só composta de católicos franceses, instalada em 24 de maio de 1796, sendo **Delahogue** o seu primeiro Venerável. Lá já existiam outras onze lojas filiadas à *Grande Loja da Carolina do Sul*, parte delas compostas de franceses oriundos das suas colônias.

Logo depois os dois receberam o título de Inspetor Geral Adjunto da *Grande Loja da Carolina do Sul*,



**Stephen ou Étienne Morin, com a carta do Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente veio da França a S. Domingo, depois a Kingston. De lá, o Rito de Perfeição chegou a Charleston. O detalhe é da Carta da Loja de Perfeição de Albany, assinada por Francken.**

fornecido pelo Irmão Hyman Long.

Refere **Albert Pike** que, desde esta época, **Grasse Tilly** já alimentava a idéia de fundar uma entidade que viria a ser o *Supremo Conselho* e acrescentar mais graus aos 25 já existentes. Ele e **Delahogue**, ambos franceses, juntaram-se com outros parceiros na empreitada, aliás todos estrangeiros, com exceção de **James Moultrie** e **Isac Auld**, que eram americanos. Os outros eram: **Frederich Dalcho**, inglês; **Abrahan Alexander**, inglês; **Jonh Mitchel**, irlandês; **Thomas Bartholomew Bowen**, irlandês; **Moses Clava Levy**, polonês; **Emmanuel De La Motta**, da Ilha de Santa Cruz das Índias Ocidentais, e **Israel Delieben**, checoslovaco. Como seria possível um grupo de estrangeiros fundar algo mais que uma Loja maçônica em um país estranho?

Diz-se que **Grasse Tilly**, já em 1797, teria assinado um documento como Grande Soberano Comendador e **Delahogue** como Lugar-Tenente de um suposto Supremo Conselho numa possessão francesa nas Índias Ocidentais. Não há com-

provação e tal fato é também contestado por vários autores.

Acresça-se que, em 1800, existiam cerca de dez Lojas simbólicas em Charleston, três Corpos do *Rito Francês*, a saber: uma *Loja de Perfeição* (4º ao 14º graus), um *Grande Conselho de Príncipes de Jerusalém* (15º e 16º graus) e um *Grande Conselho de Sublimes Príncipes do Real Segredo* (graus 17º a 25º graus), sabendo-se que estes Corpos não iam além do grau 25.

O *Rito de Perfeição* ou de *Héredom* tinha a seguinte nomenclatura em seus graus e era dividido em sete classes:

#### 1ª Classe

- 1 - Aprendiz
- 2 - Companheiro
- 3 - Mestre Maçom

#### 2ª Classe

- 4 - Mestre Secreto
- 5 - Mestre Perfeito
- 6 - Secretário Íntimo
- 7 - Preboste e Juiz
- 8 - Intendente dos Edifícios

#### 3ª Classe

- 9 - Mestre Eleito dos Nove
- 10 - Ilustre Eleito dos Quinze
- 11 - Sublime Cavaleiro Eleito, Chefe das Doze Tribos

#### 4ª Classe

- 12 - Grande Mestre Arquiteto
- 13 - Cavaleiro do Real Arco
- 14 - Grande Eleito, Antigo Mestre Perfeito

#### 5ª Classe

- 15 - Cavaleiro do Oriente ou da Espada
- 16 - Príncipe de Jerusalém
- 17 - Cavaleiro do Oriente e do Ocidente
- 18 - Soberano Príncipe Rosa-Cruz

#### 6ª Classe

- 19 - Grande Pontífice
- 20 - Grande Patriarca Noaquita
- 21 - Grande Mestre da Chave da Maçonaria
- 22 - Príncipe do Líbano, Cavaleiro do Machado Real

#### 7ª Classe

De Grasse **foi testemunha do nascimento do Primeiro Supremo Conselho e seria o maior dos responsáveis pela implantação de outros Supremos Conselhos na Europa.**

23 - Soberano Príncipe Adepto

24 - Ilustre Cavaleiro, Cavaleiro da Águia Branca e Negra, Cavaleiro Kadosh

25 - Príncipe do Real Segredo

Entretanto, a situação foi evoluindo de tal forma que, dias antes da fundação do primeiro Supremo Conselho do Mundo, isto em 24 de maio de 1801, formou-se um *Conselho de Soberanos Grandes Inspetores* em Charleston, quando **Grasse Tilly** assinou patentes, tornando todos os Irmãos mencionados *Grandes Inspetores Gerais*, tendo outorgado o grau 33 para todos os irmãos citados, que seriam considerados como fundadores do *Primeiro Supremo Conselho*.

Os principais fundadores teriam sido **Jonh Mitchel**, que foi o primeiro Soberano Comendador do novel Supremo Conselho e **Frederick Dalcho**, um dos mais inteligentes e competentes do grupo. Quanto a **Grasse Tilly**, ele próprio não assinou o documento oficial de fundação do primeiro *Supremo Conselho* do mundo, em 31 de maio de 1801, que ocorreu na *Shepherd's Tavern* em Charleston, Carolina do Sul

É lógico que o grupo providenciou modificações dentro do sistema de 25 graus do *Rito de Heredom*, estabelecidos em 1758 pelo Conselho de Imperadores do Ocidente e do Oriente na França, acrescentando mais oito graus.

Como distribuíram estes oito novos graus encaixando-os nos então 25 graus?

Bem, até o 19º grau não houve qualquer alteração, a não ser o grau 14 que ficou como *Antigo Mestre da Perfeição* ou *Grande Eleito, Perfeito e Sublime Mestre*.

Vejamos o que aconteceu com os demais graus:

**20 - Grande Mestre de todas as Lojas Simbólicas** ou **Mestre ad vitam**

**21 - Patriarca Noaquita** ou **Cavaleiro Prussiano** (Ex-21, Grande Mestre da Chave da Maçonaria)

**22 - Príncipe do Líbano** (permaneceu o mesmo)

**23 - Chefe do Tabernáculo** (Ex-



23, *Príncipe Adepto* ou *Chefe do Consistório*)

24 - *Príncipe do Tabernáculo* (Ex-24, *Ilustre Cavaleiro da Águia Branca e Negra* ou *Cavaleiro Kadosh*)

25 - *Cavaleiro da Serpente de Bronze* (Ex-25, *Príncipe do Real Segredo*)

26 - *Príncipe da Mercê*

27 - *Soberano Comendador do Templo*

28 - *Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto*

29 - *K.H. Kadosh* (Ex-24)

30, 31 e 32 - *Príncipes do Real Segredo*

33 - *Soberano Grande Inspetor Geral*

Depois desta primeira modificação, que consta em um documento emitido pelo *Supremo Conselho* datado de 4 de dezembro de 1802, foram feitas mais algumas alterações. O grau 29 passou a se chamar *Grande Cavaleiro Escocês de Santo André da Escócia* e o grau 30 passou a ser o *Cavaleiro Kadosh* ou *Cavaleiro da Águia Branca e Negra*, ficando o grau 31 como *Grande Inspetor Inquisidor Comendador*, o grau 32 como *Sublime Príncipe do Real Segredo* e o grau 33, como já sabe-

mos, ficou como já estava sendo usado, *Soberano Grande Inspetor Geral*.

Todavia, com todos estes nomes pomposos na época de sua criação, apenas registrados em documentos, não representavam graus e nem tinham rituais. Daí há mais de cinquenta anos, em 1855, o então *Soberano Grande Comendador Albert Pike* informou que tinha acabado de concluir os rituais do 21 ao 30. Quer dizer, a história do *Rito Antigo e Aceito*, que ainda não se chamava *Escocês*, não se concretizou de um dia para outro como num passe de mágica. Desde o seu nascimento até nossos dias, o seu caminho foi longo, tortuoso e difícil, até se consagrar como um *Rito universal*.

Entretanto, no momento de sua concepção, a verdade era que uns poucos Irmãos haviam criado um novo Rito, em cima de outro já existente. Estavam com ele nas mãos e não sabiam como divulgá-lo nem como torná-lo confiável ao mundo maçônico.

Como sabiam de antemão que não teriam crédito, pois eram apenas onze Irmãos, quase todos estrangeiros, inventaram uma estória que apesar de estar muito bem esclareci-

da atualmente, ainda a maioria dos *Grandes Inspetores Gerais* atuais repetem-na frequentemente como sendo uma história verdadeira, tendo o aval e mesmo a afirmação dos *Soberanos Comendadores* das maiorias dos *Supremos Conselhos* existentes no mundo. Ainda consta dos rituais dos *Altos Graus* o personagem que abordaremos como o sendo o principal criador do primeiro *Supremo Conselho*, sem, no entanto, ter sido. Interessante é que, atualmente, a maioria dos Irmãos pertencentes aos *Graus Superiores* creem na estória achando que os fatos tenham realmente acontecido assim.

Uma vez criado este Corpo, considerado o *Supremo Conselho-Mãe do Mundo*, a sua organização levou cerca de um ano e meio para se estruturar. Ao final ano de 1802, enviaram uma circular redigida por **Dalcho** a todas as Lojas e demais corpos maçônicos de graus superiores do mundo, informando que haviam acrescentado mais oito graus ao sistema até então conhecido, e que este *Supremo Conselho* havia sido

**A Mr. Shepard Tavern, na cidade de Charleston, na Carolina do Sul, onde nasceu o Primeiro Supremo Conselho do mundo. A medalha tem a efígie de John Michell, o primeiro Soberano Comendador.**



organizado de conformidade com uma Constituição datada de 1º de maio de 1786, compilada e aprovada pelo Rei **Frederico II, o Grande**, da Prússia, fazendo toda a Maçonaria crer que ele existisse desde 1786.

Esta afirmação, evidentemente, daria credibilidade ao novo Rito o que realmente aconteceu, uma vez que Frederico da Prússia, Maçom, era uma figura política que inspirava confiança, porque era muito respeitado, já que forças mercenárias prussianas lutaram pela Independência dos Estados Unidos. Situações como esta são bem ao gosto do patriota povo americano.

Importante o discurso pronunciado pelo Grande Soberano Comendador do *Supremo Conselho da França* mais antigo da Europa, o Irmão **Hubert Greven**, em Florianópolis, SC, em 14 de setembro de 2000, por ocasião da abertura da *XXI Assembleia Geral Ordinária da Excelsa Congregação de Supremos Conselhos do REEA do Brasil*.

"A França é o berço do Rito Escocês Antigo e Aceito". Os Altos Graus que o caracterizam nasceram lá em 1743, com o grau de Mestre Escocês, assim chamado em homenagem aos maçons operativos da Escócia que tinham conservado os usos e tradições dos construtores "góticos" tornados obsoletos na Inglaterra e na França. No dia 27 de agosto de 1761, a *Grande Loja* entregou a **Etienne Morin**, a caminho das Antilhas, Cartas Patentes de *Grande Inspetor* para as Lojas francesas da América, que lhe davam poder para espalhar os *Sublimes Graus*. Ele os organizou num *Rito de Perfeição* regido por Constituições que se davam por ter sido elaborada em 1762 em Bordeaux e tendo como Padrinho, **Frederico II**, rei da Prússia. O Rito foi propagado nas colônias inglesas da América por *Deputy Inspectors General* de seu 25º e último grau (Príncipe do Real Segredo), tendo seus poderes de **Morin**. Progressivamente, o Rito foi organizado segundo uma hierarquia de 33 graus.

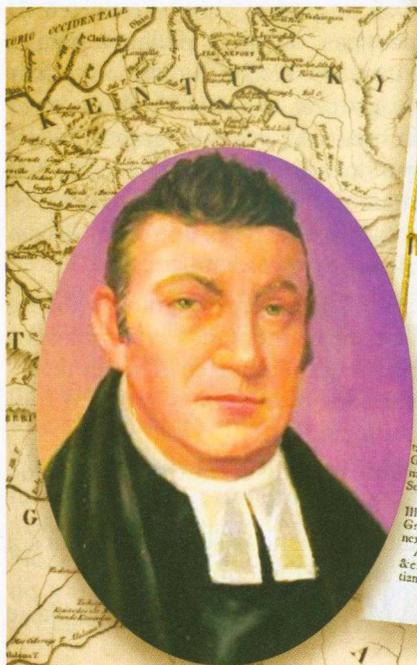
É desta forma que o Coronel Mitchel recebeu em Charleston, Caroli-

na do Sul, comunicação de seu 33º grau e das Grandes Constituições deste grau datadas do dia 1º de maio de 786 e atribuídas, miticamente sem dúvidas, ao grande **Frederico**.

**Mitchel** estabeleceu, no dia 31 de maio de 1801, o Supremo Conselho do 33º grau para os Estados Unidos da América que, no dia 21 de fevereiro de 1802, completava-se no número estatutário de nove membros, cooptando dois *Deputy Inspectors General* franceses refugiados de São Domingos após a revolta dos escravos, o Conde de **Grasse Tilly** e seu sogro **Delahogue**.

O *Rito Escocês Aceito e Aceito* estava definitivamente organizado. Recebeu estes qualificativos porque o *Supremo Conselho de Charleston* admitia indiferentemente, nos graus Escoceses, Mestres Maçons das duas *Grandes Lojas* rivais que existiam então na Carolina do Sul como na Inglaterra – a *Grande Loja dos Antigos Maçons de York* e a *Grande Loja dos Livres e Aceitos Maçons (Modernos)*".

**A Circular aos dois Hemisférios, a declaração que exprime a "origem e a natureza dos Sublimes Graus da Maçonaria e seu estabelecimento na Carolina do Sul". Abaixo, um dos criadores, Fredrick Dalcho.**



Entretanto, se formos fazer uma análise racional, veremos que o nome do Rei **Frederico II** foi usado indevidamente e ainda se utilizaram de situações inventadas para dar corpo à estória.

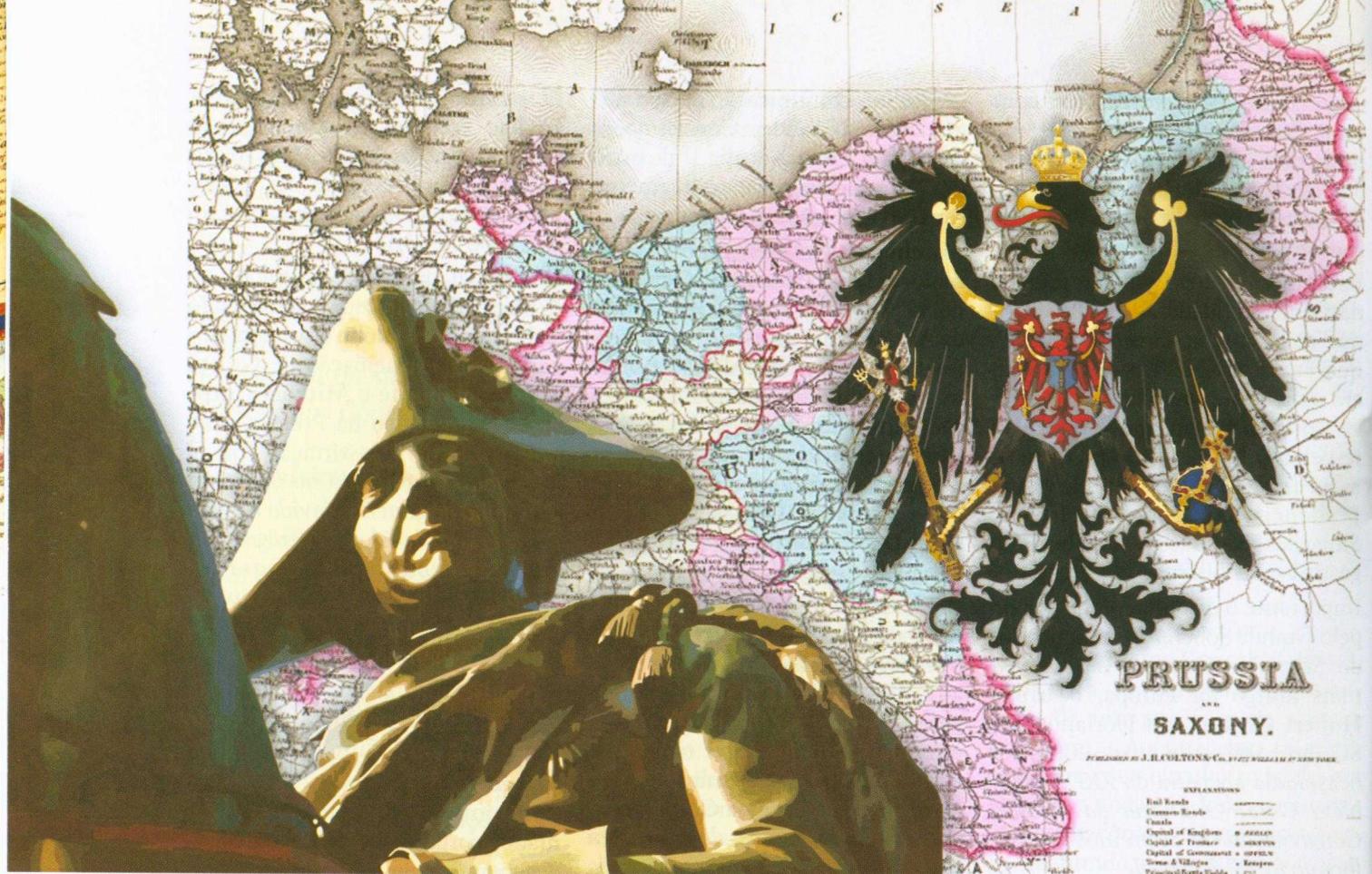
O original da tal *Constituição de 1786* nunca apareceu. Ela teria sido elaborada por **Dalcho** em sua maior parte, com participação de **Grasse Tilly**, **Delahogue** e **Mitchel** e atribuída a **Frederico** da Prússia. No preâmbulo da *Constituição* consta que "feito e aprovado no *Supremo Conselho do grau 33, devida e legalmente estabelecido e congregado no Grande Oriente de Berlim, em 1º de maio de 1786. A este ato compareceu Sua Majestade Frederico, Rei da Prússia, Soberano Comendador*".

– Sabe-se que naquele ano de 1786 não se reuniu nenhum "Supremo Conselho" em Berlim.

– **Frederico II**, em 1786, estava semicomatoso há sete meses acamado, portador de doença crônica degenerativa além de gota e hidropisia e faleceria em 17 de agosto de 1786.

– **Frederico II** havia sido Grão-Mestre da *Grande Loja Três Globos*





**Na verdade, pouco importa se Frederico escreveu ou não as Constituições. Afinal "se o rito deu certo, deixemo-lo como está, e que Frederico seja uma lenda. Afinal, nenhuma civilização, entidade ou organização sobrevive se não tiver um mito próprio".**

Terrestres até 1747. A partir daí, praticamente cessaram suas atividades maçônicas. Em 1766, quando a sua Grande Loja resolveu adotar o Rito da Estrita Observância, ele retirou o título de protetor da mesma, da qual o era desde 1740.

– Não lhe eram simpáticos os Altos Graus. Era pessoalmente, contra os mesmos.

– Não definia, a aludida Constituição atribuída ao Rei Frederico II, a regulamentação dos Graus intermediários. Apenas criava o grau 33.

Outro adendo a esta estória chegou a ser divulgado pelo próprio Supremo Conselho da França, isto em outros tempos, quando afirmava que Carlos Stuart, filho de Jaime III, então o chefe de toda a Maçonaria, havia conferido a Frederico II o título de Grão-Mestre, tornando-o também seu sucessor, e que como tal, ele seria reconhecido como

chefe dos Graus Superiores. No dia 25 de outubro de 1782, quando ainda existia o Rito de Héredon, foram confirmadas as Constituições e Regulamentos de Bordeaux. Daí a quatro anos, Frederico II passaria os seus poderes para o Supremo Conselho dos Grandes Inspectores Gerais, tendo antes aumentado para 33 graus o Rito, publicando a Constituição em 1º de maio de 1786. Entretanto, hoje os próprios franceses admitem Frederico como uma lenda.

Enfim, uma série de outras razões bem fundamentadas e pesquisadas prova que Frederico II nada teve a ver com o Supremo Conselho fundado em 1801.

Vamos analisar outro aspecto do assunto.

Quantas lendas somos obrigados a aceitar na Ordem?

A Maçonaria é a pátria das lendas e

dos mitos. Temos a de Hiram. Temos no Brasil a grande farsa do 20 de agosto, que não conseguiu ser lenda, já que felizmente parece que não vingou. Mas ainda há muitos palestrantes – e até Grão-Mestres – repetindo o mesmo erro por esse Brasil afora. Temos lendas em quase todos os Ritos, inclusive no Trabalho de Emulação (sistema inglês) a lenda do Príncipe Edwin, só para citar algumas.

Existem dezenas.

Então transformemos a estória de Dalcho, Mitchel & Cia. em uma lenda. E porque não?

Ora, sabemos que o Rito Escocês Antigo e Aceito, afora as controvérsias que existem em seu seio (e os outros Ritos também as têm) é um sistema sincrético de Maçonaria, que é vencedor e se expandiu. É organizado, tem uma linha de conduta, mesmo sendo eclético, tem metas, é universal e embora que minoritário com relação ao sistema inglês e americano, está firme, desempenhando seu papel na história da Maçonaria.



Quer dizer, o *Rito Escocês Antigo e Aceito* é uma realidade incontestável.

Vamos aceitar que **Dalcho, Grasse Tilly, Delahogue** e **Mitchel** talvez “quissem apenas homenagear” ou, quem sabe, usar a credibilidade que o Rei **Frederico** aparentemente tinha, já que tinha sido Maçom – enquanto ativo foi lúcido, mesmo não gostando de Altos Graus – e que era simpático à causa da Independência americana. Estão aí as qualidades do herói, que acabam com o tempo constituindo-se em um mito. E para se construir um mito, sabemos que as lendas não têm obrigação de ter compromisso com a realidade. Elas valem pelas mensagens que transmitem. E a de **Frederico II** preenche estes requisitos em termos americanos e mundiais. Então aceitemo-la como uma lenda. Fica até simpático para o primeiro *Supremo Conselho do Mundo* ter a sua própria lenda de origem, já que a quase maioria dos outros Ritos e outros Corpos também as têm.

No entanto, se tentarmos realizar uma revisão histórica e consertar esta distorção a confusão será muito maior. Se o rito deu certo, deixemo-lo como está, e que **Frederico** seja uma lenda. Afinal, nenhuma civilização ou organização sobrevive se não tiver um mito próprio.

**Frederick Dalcho** conhecia muito bem a rivalidade existente entre o Sul e o Norte dos Estados Unidos. Elaborando uma Constituição e dando a sua autoria a **Frederico II**, previu a possibilidade da criação de um segundo *Supremo Conselho* naquele país e se, caso isso viesse acontecer, como realmente aconteceu, este Supremo Conselho poderia seguir a “Constituição” de **Frederico**, sem criar outra, justamente em função da referida animosidade existente entre aquelas regiões. Ficaria muito mais fácil, para os Irmãos do Norte, aceitar a “autoridade” de **Frederico** que admitir uma Constituição organizada pelos Irmãos do Sul.

Não se sabe ao certo porque criaram 33 graus. Alguns autores acham que Charleston está na latitude de

32 graus, 46 minutos e 33 segundos, vindo daí o número enigmático 33. Porém é discutível esta explicação.

Quanto ao Grande Selo escolhido, a águia bicéfala, originada na cidade de Lagash, na antiga Samaria, é um dos símbolos mais antigos do mundo e já era usado desde 1759 pelo *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente*. Quem a escolheu para um dos símbolos do Supremo Conselho foi **Frederick Dalcho** (sempre ele). A águia está em pleno vôo tendo na garra uma espada desembainhada e abaixo, solto, um listel, onde está escrito *Deus Meunque Jus* (Deus e o meu Direito). O segundo dístico que está acima das cabeças da águia *Ordo Ab Chao* (Ordem no Caos), já que a Maçonaria na época estava caótica.

**Grasse Tilly**, apesar de não ter assinado o documento como fundador do primeiro *Supremo Conselho* do mundo, pertencia a este Corpo e estabeleceu um *Supremo Conselho para as Ilhas Francesas da América no Cabo Francês - São Domingos* – em 1802 e criou outro em Kingston, na Jamaica em 1803. A partir daí voltou à França, fundando no dia 17 de outubro de 1804 em Paris, o primeiro *Supremo Conselho do Grau 33 da Europa*. Ainda estabeleceria em 1805 o *Supremo Conselho da Itália*, em 1811 o *da Espanha* e o *dos Países Baixos*, em 1817.

Conforme **Dalcho** havia previsto, realmente houve problemas com os Maçons do Norte. Em Nova York vários grupos se desentendiam. O Irmão **Joseph Cernau** instalou um *Sublime Consistório dos Príncipes do Real Segredo* em 28 de outubro de 1807, depois transformando este Corpo em “Supremo Conselho” irregular por sua conta e risco. Em 1813 existiam, em Nova York, cerca de cinco Altos Corpos maçônicos, todos beligerantes entre si.

**Emmanuel de La Mota**, um dos fundadores do primeiro *Supremo Conselho do Mundo*, estando em Nova York para tratamento de saúde, viu como estavam as coisas por lá e elevou vários Irmãos tidos como

irregulares ao verdadeiro Grau 33. Com estes *Grandes Inspetores Gerais* regulares fundou um segundo Supremo nos Estados Unidos, assim denominado *Supremo Conselho dos Soberanos Grandes Inspetores Gerais do Grau 33 do Distrito Norte dos Estados Unidos*, em 5 de agosto de 1813. Logo de início conseguiu trazer para este novo grêmio, aliás regular, todas as facções em litígio, menos a de **Cernau**, que em 21 de setembro de 1813 foi considerada ilegal e irregular. As refregas não parariam por aí. Em 1828 houve uma divisão territorial entre ambos *Supremos Conselhos* americanos, mas não o fim total das controvérsias e desentendimentos entre os dois *Supremos Conselhos* que durou mais tempo até se acertarem definitivamente. ▲



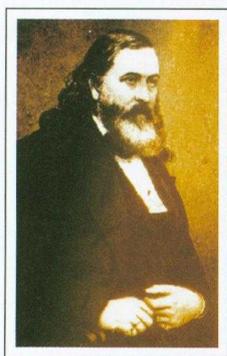
## Bibliografia

- Castellani, José** – *O Rito Escocês Antigo e Aceito - Doutrina e Prática*, Editora Maçônica “A Trolha” Ltda – Londrina, 1988
- Castellani, José** – *Supremo Conselho no Brasil – Síntese de sua História*, Editora Maçônica “A Trolha” Ltda., Londrina, 2000
- Prober, Kurt** – *História do Supremo Conselho do Grau 33 do Brasil*, Livraria Kosmos, Rio de Janeiro, 1981
- Prober, Kurt** – *Frederico, o Grande e a Maçonaria*, Editora Maçônica “A Trolha” Ltda., Londrina, 1993
- Hubert Greven**, Soberano Grande Comendador, Supremo Conselho da França – *Discurso em Florianópolis-SC, XXII Assembléia Geral Ordinária da Excelsa Congregação dos Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito do Brasil*.
- Richard C. White, 33º** – *Os fundadores, sua visão ainda vive*, tradução do SGC **Alberto Mansur, 33º**, *The Scottish Rite Journal*, março de 2001



# O Pensamento Vivo de **Albert Pike**

## Morals and Dogma



### Nota ao Leitor

Deveríamos ter apresentado este capítulo, o fechamento do Grau 22, *Príncipe do Líbano*, verdadeira apologia de **Albert Pike** ao trabalho, na *Astréa* # 37.

Inadvertidamente, saltamos para a abertura da primeira parte do Grau 23, *Chefe do Tabernáculo*. Assim sendo, com nossas desculpas e agradecimentos aos leitores atentos, voltamos ao gran finale desta glorificação ao trabalho do homem comum.

O que ele diz é atemporal. Serve muito bem para nós, mais de um século depois, principalmente para que nos reconstruamos como povo e como nação.

J. W. Kreutzer Bach



18

## Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano Grau 22

Tradução livre de  
*J. W. Kreutzer Bach*

3ª Parte

As coisas mais nobres no mundo foram conseguidas por homens pobres.

Eruditos, profissionais, artistas, artesãos, filósofos e homens de gênio, todos pobres. Uma medida de firmeza e sobriedade, de moderação e restrição e uma certa pressão das circunstâncias são boas para o homem. Seu corpo não foi feito para o luxo. Ele adoce, afunda e morre sob seu peso. Seu espírito não foi feito para indulgência. Ele se enfraquece, efemina-se e diminui-se nessa condição. Aquele que mima seu corpo com faustos e seu espírito com prazeres, deixa as consequências como herança ao espírito e corpo dos seus descendentes, sem a riqueza que fora a causa primária. Porque as riquezas, sem uma lei de herança que as sustentem, nunca tiveram a energia necessária para conservar seus tesouros. Elas escapam da mão incapaz. A terceira geração, inevitavelmente, vai para o fundo na roda da fortuna que gira – e lá aprende a energia





A Festa de Belsazar, tela de Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), pintor holandês

necessária para erguer-se, se é que se erguerá, herdeira, que é das doenças físicas, da indigência mental e dos vícios de seus ancestrais, mas não de suas riquezas. Ainda assim, somos, quase todos nós, ansiosos para colocar nossos filhos e netos nessa estrada de facilidades, fausto, vício, degradação e ruína, esse legado de doenças hereditárias, enfermidade da alma e lepra mental.

Se a riqueza fosse empregada em promover cultura mental em casa e trabalho filosófico fora dela; se multiplicasse trabalhos de arte e criasse instituições de ensino à nossa volta; se elevasse em tudo o caráter intelectual do mundo, muito ainda seria pouco. Porém, se o objetivo, esforço e ambição da riqueza é para aquisição de bens, buscar entretenimentos custosos e mansões de luxo, ou satisfazer vaidades, extravagâncias e ostentação, pouco já seria muito. Até um certo ponto, seria até louvável ser exemplo de elegância, hospi-

talidade e diversões; mas o excesso conduz ao perigo e ao mal.

Este perigo não ameaça apenas indivíduos e famílias. Ele aparece, como um aviso sinistro, na experiência de cidades, repúblicas e impérios. As lições de tempos idos, sobre este assunto, são enfáticas e solenes. A história da riqueza sempre foi uma história de corrupção e queda. Nunca existiu um povo que pudesse encarar o desafio. O prodigalidade dificilmente ensinará qualquer povo exemplos de virilidade, abnegação e virtuosidade. Você não encontrará, ao procurar pelos sustentáculos da força de um país, seus talentos e virtudes, seus mártires de patriotismo ou religião, seus homens para os dias de perigo e desastre, entre os de vida fácil, luxo e indulgência.

Na grande marcha das raças humanas sobre a Terra, sempre vemos a opulência e o luxo sucumbirem ante a pobreza, o trabalho pesado e a

Em grande banquete aos grandes cortesãos, o poderoso **Belsazar**, rei da Babilônia, bebeu vinho nos vasos sagrados do Templo de Jerusalém, saqueado e destruído por seu avô, **Nabucodonosor**.

O grande **Rembrandt** retrata o momento em que uma mão escreve na parede, em aramaico: **Mene, mene, tekel, upharsin**. Os magos do Rei não souberam traduzir. O profeta **Daniel** a interpretou: "Contou Deus o teu reino e o acabou. Pesado foste na balança e foste achado em falta. Dividido foi o teu reino e deu-se aos medos e persas" (Daniel 5.26-28).

No dia seguinte, o poderoso reino dos caldeus pereceria e o rei estava morto.

"Na grande marcha das raças humanas sobre a Terra, sempre a opulência e o luxo sucumbiram ante a pobreza, o trabalho pesado e a nutrição precária. Esta tem sido a lei a presidir a grande procissão de impérios." (**Albert Pike**)



nutrição precária. Esta tem sido a lei a presidir a grande procissão de impérios. Sidon e Tiro, cujos mercadores possuíam a riqueza de príncipes; Babilônia e Palmira, centros de opulência asiática; Roma, carregada de espólio do mundo, esmagada muito mais por seus próprios vícios do que pelas hordas de seus inimigos. Todas, e muitas mais, são exemplo da tendência destrutiva da acumulação imensa e desnaturada. À medida em que ficam ricos, os homens deveriam tornar-se mais generosos e benevolentes, não mais egoístas e efeminados—ou a história da riqueza moderna seguirá a mesma trilha de todos os exemplos do passado.

Todos os homens desejam distinção e sentem a necessidade de algum objeto de vida que os enobreça. Aqueles que são mais felizes e satisfeitos em seus afazeres são justamente os que buscam os mais altos objetivos. Artistas, artífices e inventores, todos os que buscam descobrir princípios ou criar beleza em seu trabalho são os que mais o apreciam. O fazendeiro que trabalha para embelezar e cultivar sua terra é mais feliz em seus labores do que aquele que lavra sua própria terra apenas para mera subsistência. Este é um testemunho cabal das altas demandas de nossa natureza humana em todos os empreendimentos humanos. Juntar riqueza jamais trará tanta satisfação como aperfeiçoar um artefato mecânico — não se essa riqueza é para ostentação, luxo ou prazer, em vez de utilizada para fins filantrópicos, o auxílio aos semelhantes, o pagamento de justos débitos ou como meio de alcançar outro nobre objetivo.

Às buscas das multidões se liga uma incômoda convicção de que nada nelas oferece um objetivo satisfatório ou traz honra alguma. Para que trabalhar, se o mundo logo vai ignorar que alguém sequer existiu, se

não pode perpetuar seu nome em uma tela, no mármore ou em livros, nem fazer-se lembrado pela eloquência ou deixar sua marca como estadista?

A resposta é que cada homem tem um trabalho a realizar, maior e mais sublime que qualquer trabalho de gênio. Um trabalho sobre material mais nobre que madeira ou mármore — sobre sua alma e intelecto, de forma a alcançar a maior grandiosidade e nobreza na terra e nos céus; poderá, assim, ser o maior dos artistas e dos autores. E sua vida, mais do que qualquer discurso, será ainda mais eloquente.

Os grandes autores e artistas somente retratam aquilo que cada homem deveria ser. Eles concebem o que deveríamos fazer. Eles concebem e representam a beleza moral, a magnanimidade, a perseverança, o amor, a devoção, a misericórdia e a grandeza da alma. Eles retratam virtudes para que admiremos e emulemos. Incorporar essas representações à nossas vidas é a realização prática dos grandes ideais da arte. A magnanimidade dos heróis, celebradas nas páginas históricas ou poéticas; a constância e a fé dos

mártires da Verdade; a beleza do amor e da piedade que brilham nas telas; o delineamento da Verdade e do Direito, que ecoam dos lábios dos eloquentes, são, em sua essência apenas o que todo homem deve sentir e praticar na vida cotidiana. O trabalho da virtude é mais nobre do que qualquer trabalho do gênio porque é mais nobre ser do que descrever um herói, sofrer o martírio do que pintá-lo, fazer o certo do que pedir por ele. Agir é maior do que escrever. Um homem bom é mais nobre de contemplar do que um grande autor. Só há duas coisas dignas de se viver por elas: fazer o que for digno de ser escrito; e escrever o que for digno de ser lido. O maior das duas é o fazer.

Cada homem deve praticar o que de mais nobre possa ser feito ou descrito. Há um vasto campo para coragem, boa disposição, energia e dignidade na existência humana. Que nenhum Maçom, portanto, julgue sua vida condenada à mediocridade ou torpeza, à vaidade ou trabalho improfícuo ou a qualquer objetivo menor que imortal. Ninguém pode verdadeiramente dizer que as grandes recompensas da vida são para os



Construindo cidades, mural do artista americano Thomas Hart Benson (1889-1975), Metropolitan Museum of Art

**Só o trabalho constrói civilizações.  
Este mural de Thomas Hart Benson  
é típico da visão artística da primeira  
metade do século XX**





Trabalho, tela do pintor inglês Ford Madox Brown (1821–1893) - Manchester Art Gallery

outros e que ele nada pode fazer. Não importa quão magnífico o ato que um autor possa descrever ou um pintor retratar. Será ainda mais nobre que você faça o que foi descrito e que seja o modelo do que foi retratado.

As ações mais nobres jamais descritas não são mais magnânimas do que as que temos ocasião de realizar na vida cotidiana, na tentação, na desgraça, na privação, na solene proximidade da morte. Na grande providência de Deus, nas grandes ordenações de nosso ser, está aberta, a todos os homens, a capacidade para as mais nobres ações. Não é nem nas situações extraordinárias, quando todos os olhares estão sobre nós, onde nossa energia se inflama e nossa vigilância desperta, que os maiores esforços virtuosos são demandados de nós – mas sim no silêncio e reclusão, em meio a nossas ocupações e nossos lares, em suportar as doenças sem reclamos, na honestidade sempre testada sem gabar-se, no altruísmo que abre mão de vantagens a outro sem alarde.

A Maçonaria busca enobrecer a vida comum. Seu trabalho é mergulhar, nos registros obscuros e não pesquisados da conduta e dos sentimentos diários, para retratar não a virtude comum de uma vida extraordinária, mas a virtude extraordinária de uma vida comum. O que é feito e suportado nas sombras da privacidade, nos duros e conhecidos afazeres do dia a dia, cheios de sacrifícios não celebrados; no sofrimento, mesmo no insulto, que não abate a frente; na constante luta do espírito, que resiste à dor, à penúria e ao abandono, carregados no recesso do coração – tudo o que lá se faz, se suporta, se trabalha e se vence é uma glória maior e herdará uma coroa mais brilhante.

No volume da vida maçônica, está escrita uma palavra que brilha com inefável esplendor. Esta palavra é DEVER.

Ajudar a conseguir para todos trabalho, estável e com justa remuneração; ajudar a acelerar a vinda de tempos em que ninguém sofrerá fome e desamparo; ajudar aos que,

ainda desejosos e aptos ao trabalho, não conseguem emprego, ou que o perderam por motivo de doença – estas são parte de seus deveres como Cavaleiro do Real Machado. Se nós conseguirmos fazer algum cantinho da criação de Deus um pouco mais fecundo e alegre, um pouco melhor e mais digno Dele, ou em fazer um ou dos corações humanos um pouco mais sábios e mais viris, esperançosos e felizes. Teremos realizado trabalho, dignos de Maçons e aceitável a nosso Pai nos Céus. ▲





# 1804: "o bom filho à casa torna"

Ir.: **Kennyo Ismail**, 33º

M.:I.:, KT, autor de diversos livros, membro de diversas Instituições e Lojas de Pesquisas internacionais, Editor do blog *No Esquadro*\*

O termo "o bom filho a casa torna" está relacionado à parábola cristã do filho pródigo. Neste artigo, refiro-me aquele filho (Rito de Heredom), que viaja ao exterior (Estados Unidos) com sua herança (Escocesa) e depois de anos retorna a sua casa (França). Na parábola, dois filhos recebem de forma antecipada a herança de seu pai. Um deles resolve viajar e aproveitar o que o mundo tem a oferecer. Após gastar todo seu dinheiro em luxúria, percebe que o verdadeiro valor está na família e retorna para casa, onde é recebido de braços abertos pelo pai.<sup>(1)</sup> No entanto, neste caso maçônico, não retorna mais pobre do que foi, e sim "enriquecido".

Em um artigo anterior, publicado na *Astréa* #37, dissertei sobre como o Rito de Heredom, desenvolvido na França e com seus 25 graus, foi introduzido nos Estados Unidos, em 1767, e sua transformação no Rito Escocês Antigo e Aceito, de 33 graus, lá na América do Norte, mais precisamente em Charleston, na Carolina do Sul, culminando na criação do *Supremo Conselho "Mãe do Mundo"*, em 31 de março de 1801.<sup>(2)</sup>

Em Charleston, desde 1795, vivia o Conde **Alexandre François Auguste de Grasse-Tilly**, aristocrata e militar francês, que havia se mudado para os Estados Unidos após a revolta dos negros na ilha de São Domingos, que hoje divide-se entre a República Dominicana e o Haiti. Ele era membro da célebre Loja Maçônica parisiense *São João da Escócia do Contrato Social*, então jurisdicionada ao *Grande Oriente da França*.<sup>(3)</sup>

Ao mencionar essa Loja, faz-se necessário incluir uma pequena observação: essa Loja se auto intitulou, em 1776, a *Loja Escocesa Mãe*, abraçando em torno de outras trinta Lojas "Escocesas", ou seja, adeptas de ritos originados a partir das Lojas formadas por escoceses da corte dos **Stuarts** exilados na França.

Essa iniciativa deveu-se à postura do *Grande Oriente da França* em adotar o Rito Moderno, recém-criado, em detrimento dos demais ritos. O atrito dessas Lojas, lideradas pela "Loja Escocesa Mãe", com o Grande Oriente da França durou até 1781, quando uma trégua foi alcançada.<sup>(4)</sup>

Retomando a cronologia dos fatos, ao ser investido no grau 33, em março de 1802, tornando-se Grande Inspetor Geral, o Conde de **Grasse-Tilly** recebeu do Supremo Conselho de Charleston carta que lhe permitia criar um Supremo Conselho para as ilhas das Antilhas Francesas. Apenas dois meses depois, em maio de 1802, ele retorna a São Domingos e funda seu Supremo Conselho, o *Supremo Conselho de Porto Príncipe*, tornando-se Soberano Grande Comendador do mesmo.<sup>(5)</sup>

Entretanto, após mais dois anos de serviço militar em São Domingos, o conde consegue garantir seu retorno à terra natal, desembarcando em Bordeaux em junho de 1804 e dirigindo-se com sua família a Paris. E enquanto aguarda sua nova designação no exército, aproveita para conceder os "novos graus escoceses", criados nos EUA, nas Lojas "escocesas" da capital francesa, causando *frisson* na Maçonaria local.

O reflexo da dedicação do Conde de **Grasse-Tilly** ocorre em menos de quatro meses após seu retorno à



França, com a fundação do *Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da França*, em 20 de outubro de 1804, com o conde assumindo como seu Soberano Grande Comendador. Aproveitando o movimento iniciado pelo conde, cinco Lojas "Escocesas" (*La Parfaite Union, La Réunion des Étrangers, Les Élèves de Minerve, Le Cercle Oriental des Philadelphes, Saint-Alexandre d'Écosse*), que ainda estavam enfrentando dificuldades com o *Grande Oriente da França* por não adotarem o Rito Moderno, apenas dois dias depois da fundação do Supremo Conselho, reúnem-se para fundar a *Grande Loja do Rito Escocês Antigo e Aceito da França*, escolhendo o Príncipe **Luís Bonaparte** como Grão-Mestre e o Conde de **Grasse-Tilly** como seu Adjunto. Na ocasião, justificaram a iniciativa pelo "sistema escocês ser o único (dos sistemas franceses) conhecido no estrangeiro e no qual os maçons de todo o universo podem unir-se e confraternizar-se, enquanto que o Rito Moderno não é permitido em qualquer país".<sup>(6)</sup>

Ao tomar notícia do ocorrido e das personalidades envolvidas, o *Grande Oriente da França* se coloca à disposição para sentar-se à mesa e iniciar um processo de união. O resultado do acordo teve sua consumação em 27 de novembro daquele ano de 1804, com **Joseph Bonaparte** assumindo como Grão-Mestre do *Grande Oriente da França* e **Louis Bonaparte**, que antes havia assumido como Grão-Mestre da *Grande Loja do Rito Escocês*, tornando-se seu Grão-Mestre Adjunto. Em 1º de dezembro **Napoleão** é coroado como Imperador da França e, em 3 de dezembro, o *Grande Ori-*

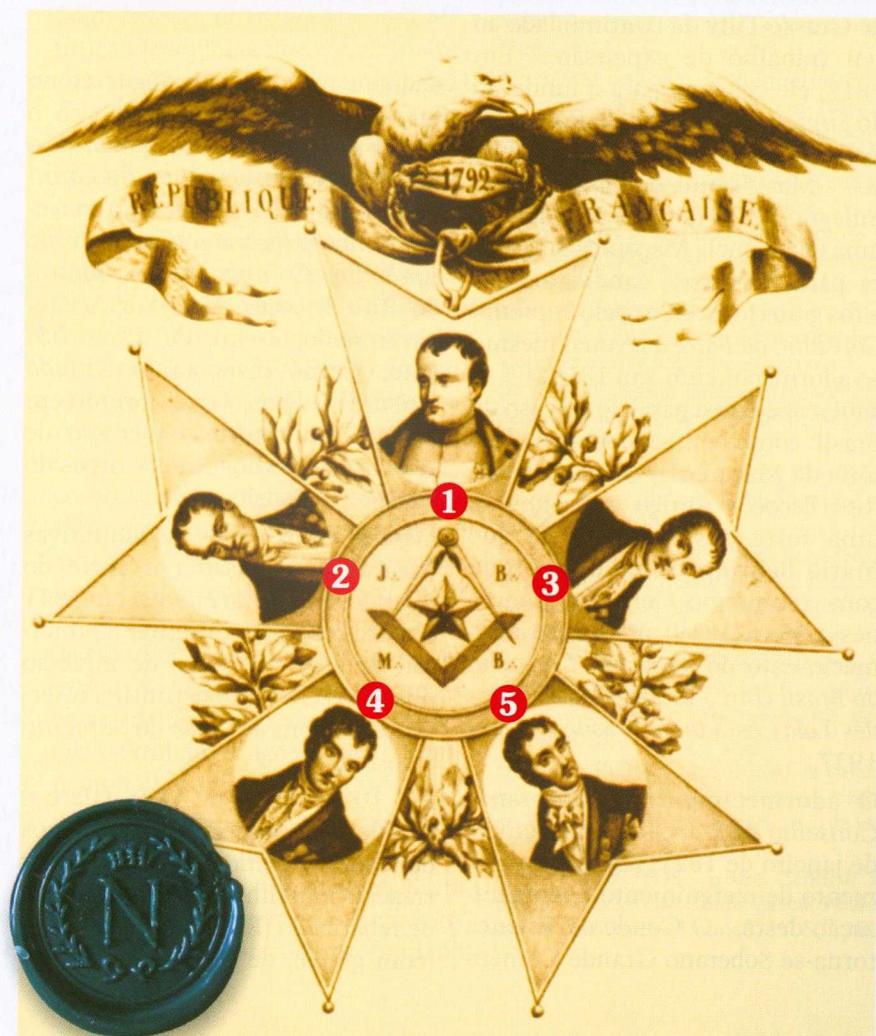
*ente* e a *Grande Loja* (já com uma dúzia de Lojas) assinam um Ato de União, por meio do qual a *Grande Loja* deixa de existir e o *Grande Oriente* passa a reconhecer o governo dos altos graus por parte do Supremo Conselho.

No entanto, o *Grande Oriente da França*, ainda apegado ao governo de todos os graus, resolve, em 21 de julho de 1805, criar sob sua administração um "Grande Colégio dos Ritos" (uma espécie de ACAM<sup>(7)</sup> daquela época), causando revolta nos Maçons do Rito Escocês, que compreenderam que o *Ato de União* estava sendo violado e decidiram, por essa razão, reabrir a Grande Loja. O *Grande Oriente* volta atrás, mas não completamente: mantém o recém-criado "Grande Colégio dos Ritos", mas modificando levemente seu escopo.<sup>(8)</sup>

Em 1806, o Conde de **Grasse-Tilly**, por conta de suas obrigações militares, é enviado à Itália. Ele então pede exoneração do posto de Sobe-

rano Grande Comendador do *Supremo Conselho da França*, sendo substituído pelo futuro Duque de **Parma**. Entretanto, novamente consegue aliar suas obrigações com seu compromisso maçônico, surgindo assim o *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito da Itália*, tendo o príncipe **Eugene de Beauharnais**, vice-rei da Itália, como Soberano Grande Comendador e o conde francês como membro honorário.<sup>(9)</sup>

Não satisfeito, o conde continua sua missão maçônica de expansão europeia do Rito Escocês, colaborando para a fundação, em 1809, do *Supremo Conselho das Duas Sicílias*, em Nápoles; e, em 1811, da fundação do *Supremo Conselho da Espanha*. Em ambos o conde também recebe o título de membro honorário. Neste mesmo ano de 1811 o *Grande Oriente da França* já conta com 91 Lojas do Rito Escocês Antigo e Aceito.



**Gravura da época napoleônica exemplifica o fino do nepotismo maçônico: a ilustração mostra Napoleão Bonaparte (1), que não foi, e seus Irmãos, todos Maçons: Joseph (2), Louis (3), Jérôme (4) e Lucien (5), conhecidos como Les Cinq Oncles, quer dizer, os cinco tios da Maçonaria Francesa!**

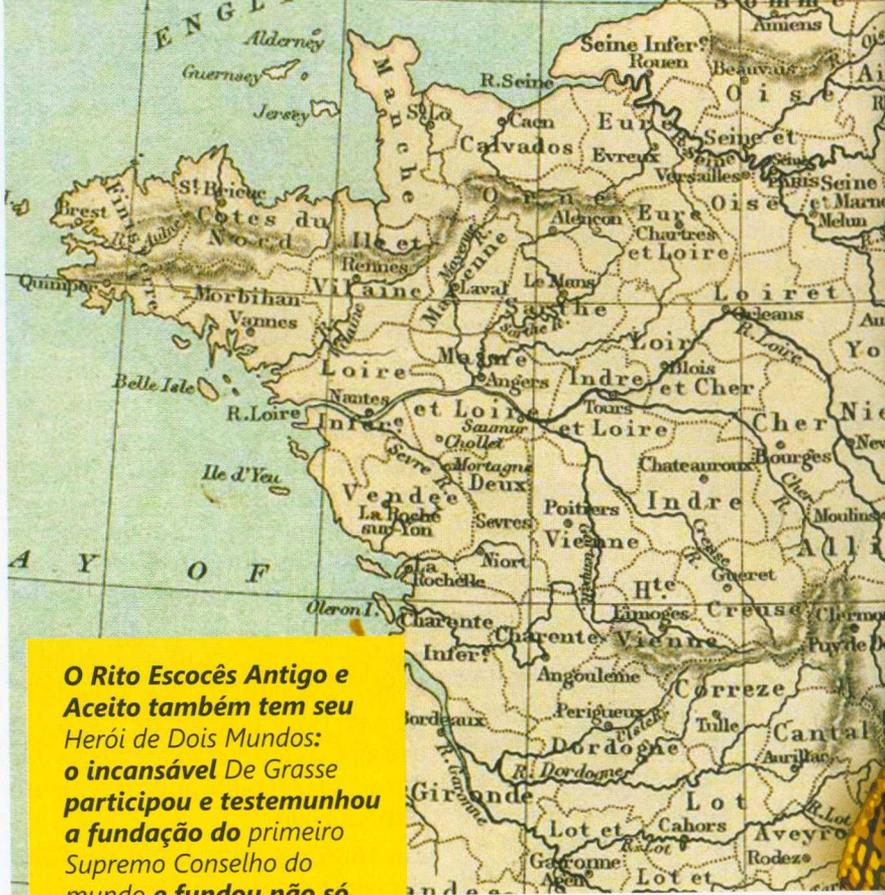


Apesar desse período ter sido fértil e produtivo para o Rito Escocês no restante da Europa, os problemas no seio do Grande Oriente da França persistiam. A gota d'água parece ter sido derramada em 26 de agosto de 1815, quando, após anos de tentativas, o Supremo Conselho francês resolve romper com o Grande Oriente da França, declarando que não pode compactuar com a "centralização dos Ritos proposta pelo Grande Oriente da França".

Difícil não fazer aqui um paralelo do processo de atrito ideológico entre o Supremo Conselho da França e o Grande Oriente da França, ocorrido entre 1805 e 1815, que ocasionou o rompimento supramencionado, com o atrito entre o Supremo Conselho do Brasil e o Grande Oriente do Brasil, ocorrido entre 1921 e 1927, também ocasionando em um rompimento, creditado a **Mário Behring**. Como costume dizer, "a Maçonaria que não conhece a sua história está condenada a repeti-la".

De volta à França em 1815, o Conde de **Grasse-Tilly** dá continuidade ao seu trabalho de expansão. Em 1817, ele colabora para a fundação do Supremo Conselho do Reino dos Países Baixos, com sede em Bruxelas. Mas "santo de casa não faz milagre". Na França, a ausência de uma Obediência Maçônica Simbólica para "fornecer" candidatos aos altos graus fornecidos pelo Supremo Conselho da França levou o mesmo ao adormecimento, em 1819.<sup>(10)</sup> E aqui, cabe outro paralelo ao caso do Brasil: como bom estudioso da história da Maçonaria, em especial do Rito Escocês Antigo e Aceito, há uma forte possibilidade de que **Mário Behring**, ciente do ocorrido com o Supremo Conselho francês nessa época (1819), preveniu o adormecimento do Supremo Conselho do Brasil com a fundação das Grandes Lojas Estaduais brasileiras, em 1927.

O adormecimento do Supremo Conselho da França tem fim em 1º de janeiro de 1821, com um movimento de reerguimento e reorganização deste. O Conde de **Valence** torna-se Soberano Grande Comen-



**O Rito Escocês Antigo e Aceito também tem seu Herói de Dois Mundos: o incansável De Grasse participou e testemunhou a fundação do primeiro Supremo Conselho do mundo e fundou não só o Supremo Conselho da França, mas também em outros Países.**

dador e o Conde de **Séгур** como Lugar Tenente Comendador, e o Supremo Conselho, para não depender exclusivamente do Grande Oriente da França, passa a conceder também os graus simbólicos de Aprendiz, Companheiro e Mestre do Rito Escocês Antigo e Aceito, governando, assim, do 1º ao 33º grau. Como resposta, o Grande Oriente da França transformou em infração maçônica o ingresso de seus membros nos Altos Corpos do Supremo Conselho.<sup>(11)</sup>

Depois de 20 anos de tentativas frustradas de fusão por parte do Grande Oriente da França, em 1841 o mesmo decide por retirar a proibição de seus membros de ingresso nos Altos Corpos e permitir a intervisitação com as Lojas do Supremo Conselho.

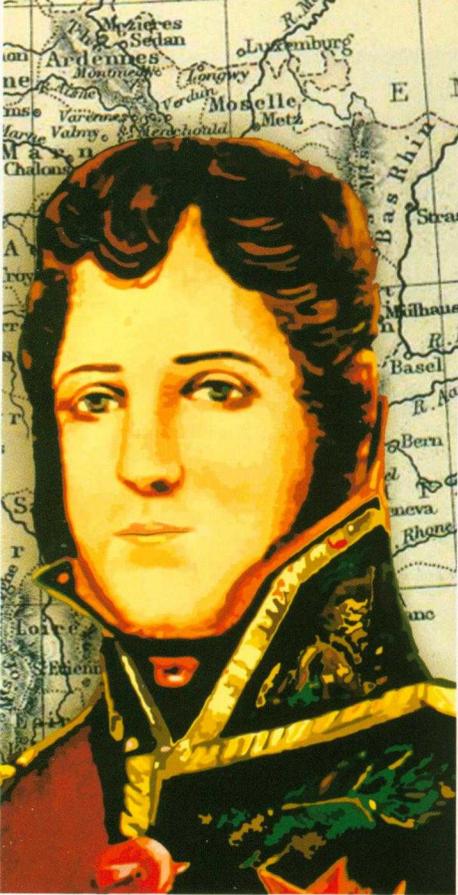
Em 10 de junho de 1845 falece o Conde de **Grasse-Tilly**, aos 80 anos de idade. O grande responsável por trazer o bom filho, Heredom, depois de rebatizado (REAA) e enriquecido (com graus), de volta ao seu lar, a

França, e lhe apresentado a toda Europa.

As relações entre o Grande Oriente da França e o Supremo Conselho da França se mantiveram razoavelmente fraternas, graças a boa vontade de seus dirigentes, até, pelo menos, janeiro de 1862, quando o imperador **Napoleão III** declara o Marechal **Bernard Pierre Magnan**, um profano, como Grão-Mestre do Grande Oriente da França. O Marechal Magnan é então iniciado e elevado até ao grau 33 do REAA em apenas dois dias. E um de seus primeiros atos foi tentar obrigar a absorção do Supremo Conselho pelo Grande Oriente, mas não sem resistência por parte do Supremo, em especial de seu então Soberano Grande Comendador, **Jean Pons Guillaume Viennet**, que se viu obrigado a romper novamente com o Grande Oriente para garantir sua autonomia e independência. Eis um trecho de sua resposta à intimação do Marechal Magnan:

"Nossas duas Ordens são totalmente independentes uma da outra (...) Nossos interesses são distintos. Nossas relações se estendem aos





extremos do mundo, enquanto as vossas não ultrapassam as fronteiras. Essa fusão à qual nos convidais nos é proibida por nossos estatutos. Apenas a fraternidade nos é exigida, e nós a praticamos mais do que esses homens aos quais o Grande Oriente deve suas divisões e que nunca abandonaram o pensamento de absorver-nos, num interesse que nada tem de maçônico. A tentativa que eles fazem hoje, por vosso intermédio, não nos surpreende, mas eles sabem que toda fusão é impossível.”(12)

Somente em 1874 que o Grande Oriente da França e o Supremo Conselho francês alcançam novamente uma trégua, a qual teve logo fim em 1877, quando o Grande Oriente da França decide por suprimir qualquer menção ao Grande Arquitecto do Universo e abolir o dogma da imortalidade da alma. Essa foi a punhalada final, que pôs fim definitivo à relação de amor e ódio, que durara 70 anos entre ambas as instituições.

O Supremo Conselho da França, idealizador do Congresso de Lau-

sanne, que reuniu Supremos Conselhos de todo o mundo em 1875, não poderia compactuar com a decisão do Grande Oriente da França. No entanto, apesar de não comungar desse “mal”, o Supremo Conselho praticava outro: ainda possuía Lojas Simbólicas sob seu governo. Essa irregularidade somente teve fim em 1880, quando o Supremo Conselho apoia a fundação da Grande Loja Simbólica Escocesa da França, hoje chamada de Grande Loja da França, formada inicialmente por 12 Lojas simbólicas do Supremo Conselho.(13)

A partir daí até os dias de hoje, não há muitos fatos a serem mencionados quanto a mudanças drásticas no funcionamento do Supremo Conselho da França e suas relações com o Simbolismo, a não ser o ocorrido em 1964, quando seu Soberano Grande Comendador e a maioria dos Membros Efetivos, acompanhados de centenas de membros, optaram por romper com a Grande Loja da França e reconhecer a Grande Loja Nacional Francesa - GLNF, única Obediência Simbólica francesa reconhecida pelo bloco principal das Grandes Lojas do mundo. No entanto, o restante dos Membros Efetivos e demais membros optou por manter o vínculo com a Grande Loja da França, declarando assim a continuidade do Supremo Conselho. Ambos os Supremos afirmam serem o genuíno Supremo Conselho fundado em 1804, no entanto, apenas o ligado à GLNF obteve o reconhecimento dos Supremos Conselhos regulares do mundo como sendo o legítimo. Supremo esse que, desde 1834, reconhece o Supremo Conselho de Montezuma, nosso Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, carinhosamente chamado de “Supremo de Jacarepaguá”, também único no Brasil internacionalmente reconhecido.

Ao observarmos o fato de que o Visconde Montezuma fundou o Supremo Conselho no Brasil com carta emitida pelo Supremo Conselho dos Países Baixos, este último fundado

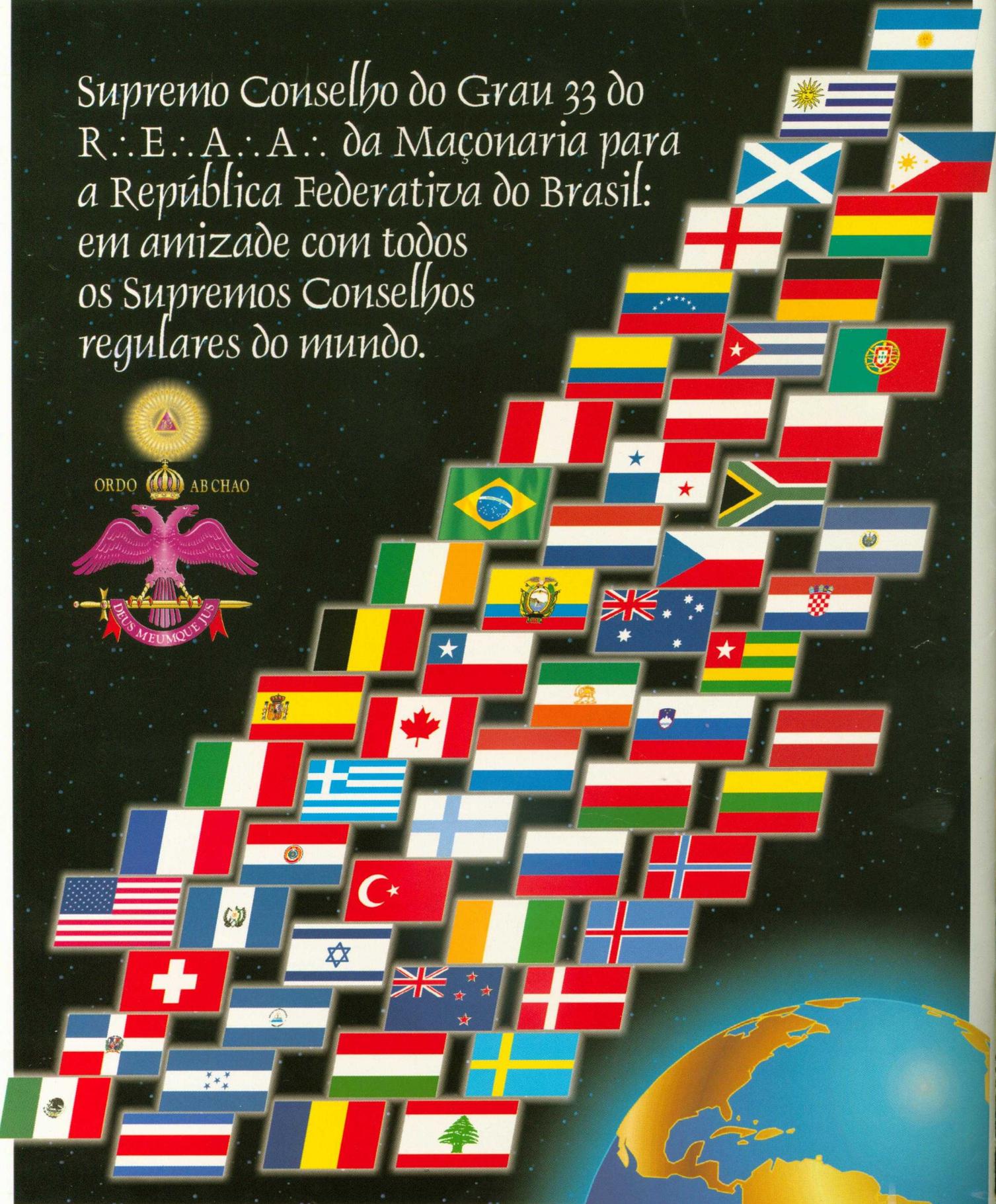
com o apoio do Conde de Grasse-Tilly e de seu Supremo Conselho francês, podemos concluir que devemos a este herói, praticamente desconhecido pelos Maçons “escocezes” brasileiros, a oportunidade de, há mais de 180 anos, o Brasil receber as honras, luzes e benefícios desse belo sistema de moralidade que constitui o Rito Escocês Antigo e Aceito. ▲

## Notas

- (1) BÍBLIA ONLINE. Lucas. Capítulo 15:11-32.
- (2) ISMAIL, Kennyo. *A Origem e o Desenvolvimento do Rito Escocês Antigo e Aceito*. Revista Astréa, n.37, jul-dez, 2015, p.11-14.
- (3) MACKEY, A. G. *An Encyclopedia of Freemasonry and its Kindred Sciences*. New York e Londres: The Masonic History Company, 1914.
- (4) DARUTY, Jean Émile. *Recherches sur le Rite Écossais Ancien et Accepté*. Paris: Chez le F. Panisset, 1879.
- (5) COIL, Henry Wilson; BROWN, William M. *Coil's Masonic Encyclopedia*. New York: Ed. Macoy, 1961.
- (6) SIMON, Jacques. *REAA: Rituel des trois premiers degrés selon les anciens cahiers - 5829*. Bonneuil-en-Valois: Éditions de La Hutte, 2013.
- (7) ACAM - Associação Cultural de Aperfeiçoamento Maçônico, criado em 2004 pelo GOB para abrigar e governar as Ordens de Aperfeiçoamento Inglesas e outras Ordens contendo Altos Graus, todas sob a autoridade do Grão-Mestre Geral do GOB. Isso fere um princípio de regularidade de prática pelo qual a Maçonaria Simbólica somente pode governar os três graus simbólicos. A única exceção é referente ao Arco Real Inglês que, no sistema inglês, não é considerado um grau, e sim um complemento do grau 3.
- (8) WAITE, Arthur Edward. *A New Encyclopedia of Freemasonry*. Volume II. New York: Cosimo, 2007.
- (9) GOULD, Robert Freke. *The Concise History of Freemasonry*. Mineola, NY: Dover Publications, 2007.
- (10) TABBERT, Mark A. *American Freemasons: Three Centuries of Building Communities*. New York e Londres: New York University Press, 2005.
- (11) SIMON, Jacques. *REAA: Rituel des trois premiers degrés selon les anciens cahiers - 5829*. Bonneuil-en-Valois: Éditions de La Hutte, 2013.
- (12) RIBEIRO, João Guilherme da Cruz. *Os fios da meada: origens, evolução e imagens do Rito Escocês Antigo e Aceito*. Rio de Janeiro: Infinity, 2007, p.47-48.
- (13) DE HOYOS, Arturo. *Scottish Rite Ritual, Monitor and Guide*. 2a. ed. Washington, D.C.: Supreme Council, 33°, S.J., 2009.



Supremo Conselho do Grau 33 do  
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para  
a República Federativa do Brasil:  
em amizade com todos  
os Supremos Conselhos  
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá  
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil  
Tels: (+55 21) 3369-8000  
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>